

# PERIÓDICO

Ano VI - Nº 10/2005



PF 4

Projeto  
Freudiano

Avenida Anízio Azevedo, 675 • Centro Médico Luiz Cunha, Sala 507  
Salgado Filho, Cep 49020-240 • Aracaju - Sergipe - Brasil  
Tel. (79) 3246-1905 • E-mail: [projtofreadiano@infonet.com.br](mailto:projtofreadiano@infonet.com.br)

22.805.426 / 0001 - 09

PROJETO FREUDIANO - PSICANÁLISE E ENSINO

Av. Anízio Azevedo, 675 - Edif. Luiz Cunha

Sala 507 - B. 13 de Julho - CEP 49020-240

Aracaju - SE.

# SUMÁRIO

M

1.	<b>EDITORIAL</b>	
1.1	<b>Psicanálise e literatura</b> .....	1
	<i>Marcia Polido (Membro da EPFCL*)</i>	
2.	<b>PESQUISA</b>	
2.1	<b>Psicanálise e literatura</b>	
	<b>ÉDIPO REI: UM PURO ACIDENTE</b> .....	2
	<i>Denise Coutinho (Psicanalista/Doutora - BA)</i>	
2.2	<b>Psicanálise e linguagem</b>	
	<b>NAS TEIAS DO SONHO</b> .....	11
	<i>Roseli Rodella de Oliveira (Membro da EPFCL*)</i>	
2.3	<b>Psicanálise e arte</b>	
	<b>REPRESENTAÇÕES DO INDIZÍVEL</b> .....	13
	<i>Alba Abreu (Analista AME da EPFCL*)</i>	
3.	<b>A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA</b>	
3.1	<b>PSICANÁLISE OU PSICOTERAPIAS BREVES?</b> .....	15
	<i>Heloisa Prudente (Membro da EPFCL*)</i>	
3.2	<b>A SINGULARIDADE DA CLÍNICA PSICANALÍTICA</b> .....	17
	<i>Daniela Ribeiro Sobral (Membro da EPFCL*)</i>	
3.3	<b>O SUJEITO DO PASSE: DO PRIVADO AO PÚBLICO</b> .....	18
	<i>Márcia Polido (Membro da EPFCL*)</i>	
4.	<b>PSICANÁLISE E CONEXÕES</b>	
4.1	<b>Literatura</b>	
	<b>O MAL NA LITERATURA DE IMRE KÉRTÉSZ</b> .....	21
	<i>Andréa Brunetto (Membro da EPFCL/MS*)</i>	
4.2	<b>Medicina</b>	
	<b>SINTOMA: ENTRE O FÍSICO E O PSÍQUICO</b> .....	22
	<i>Rubens Araújo (Associado do Projeto Freudiano)</i>	
5.	<b>PONTO DE VISTA</b>	
5.1	<b>Clínica Social</b>	
	<b>QUEM TRATA DO PROFISSIONAL DA SAÚDE?</b> .....	24
	<i>Tereza Cristina Rollemberg (Membro da EPFCL*)</i>	
6.	<b>ENTREVISTA</b> .....	26
	<i>Maria Anita Carneiro Ribeiro (Analista-Membro da EPFCL* - RJ)</i>	
7.	<b>EVENTOS: CAMPO LACANIANO</b> .....	27

\* Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

## Conselho Editorial

Márcia Polido

[marpolido@uol.com.br](mailto:marpolido@uol.com.br)

Alba Abreu

[albabreulima@hotmail.com.br](mailto:albabreulima@hotmail.com.br)

Roseli Rodella de Oliveira

[rrodella@oi.com.br](mailto:rrodella@oi.com.br)

## Projeto Gráfico

Thales Antônio S. Mourão

## Fotolito e Impressão

Gráfica J. Andrade

## Tiragem

2000 exemplares

## Colaboraram neste número

Alessandra Borges Ribeiro

Angela Dias

Eliane de J. Menezes

Rochele B. Barbosa

Elaine C. de J. Menezes

Os textos dos membros, associados e interessados podem ser enviados ao **Banco de Textos** do Projeto Freudiano e deverão ter 2 laudas, espaço 2, fonte Arial, tamanho 11, papel A4, com revisão gramatical, para serem selecionados pelo Conselho Editorial.

## Psicanálise e Literatura

A literatura, como recurso explicativo e retórico, faz-se presente, desde Freud, em textos psicanalíticos. Não se trata de psicanalizar obras literárias ou tomá-las somente como apoio servil à psicanálise, pois cada qual tem discurso próprio, com logicidade e coerência interna.

O entrelaçamento dos discursos psicanalíticos e literários é comparável ao modo como uma preposição essencial se combina, por exemplo, com advérbios (preposição a + advérbio de lugar onde = aonde). Nessa combinação é possível observar claramente um e outro elemento intacto. Com os dois discursos se pode construir um texto, mas a estrutura interna de cada um é preservada, embora seja necessário um ponto de intersecção para tal.

Em *A verdade das mentiras*, Mário Vargas Llosa<sup>1</sup> diz:

“Os homens não estão contentes com o seu destino, e quase todos – ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros – gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar – trapaceiramente – esse apetite surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignam a não ter. No embrião de todo romance ferve um inconformismo, pulsa um desejo insatisfeito”.

Então, a literatura tem como tarefa amenizar os apelos de um desejo insatisfeito, tanto do escritor quanto do leitor, por meio da linguagem escrita seja em forma de romance, ficção, etc.

A psicanálise, por sua vez, restitui o veio pulsional, através da linguagem falada, para que o sujeito possa dizer do seu desejo insatisfeito. O que corre no subsolo do desejo são as águas caudalosas e incessantes da pulsão. Para onde dirigi-las e derramá-las, é uma questão de escolha do sujeito.

Marcia Polido  
Secretária de Publicação

<sup>1</sup> VARGAS LLOSA, M. *A verdade das mentiras*. São Paulo: ARX, 2004



Casa onde Freud nasceu, em Příbor (Freiberg)

## I. PSICANÁLISE E LITERATURA

## ÉDIPO-REI: UM PURO ACIDENTE

Denise Coutinho<sup>1</sup>

denisecoutinho@uol.com.br

## INTRODUÇÃO

Interpretar a arte é o que Freud sempre descartou, sempre repudiou; o que chamam psicanálise da arte é ainda mais descartável que a famosa psicologia da arte, que é uma noção delirante.

(Lacan, 1974)

Este trabalho pretende discutir as categorias aristotélicas de possível e plausível, estabelecidas em *a Poética*, tomando a tragédia grega *Édipo Rei* de Sófocles, como operador privilegiado. Aristóteles elabora a noção de verossimilhança de acordo com suas modalidades lógicas do universal e do particular, afirmando: “o que é possível é plausível” (1966, p. 78). Os elementos principais de uma tragédia são exemplificados ali com a peça de Sófocles, *Édipo Rei*, tomada por Aristóteles, e desde então, como modelo da tragédia clássica.

As categorias modais *necessário*, *contingente*, *possível* e *impossível* serão analisadas, posto que na *Poética* o possível encontra-se relacionado e indissociado do plausível. O objetivo deste trabalho é caracterizá-las enquanto modalidades lógicas distintas e propor o plausível como sinônimo do modal contingente, separado portanto, da categoria do possível.

Como abordagem metodológica, pretendo enfatizar a interlocução da literatura com a psicanálise, realizada aqui segundo um pressuposto: a articulação entre os dois campos do saber recusa qualquer relação hegemônica de um sobre o outro. Questiono assim a modalidade de análise literária de uma obra que aborda o texto numa perspectiva psicopatológica, reducionista; do mesmo modo, aquela que empreende a chamada ‘crítica biográfica’, na tentativa de recobrir o

sujeito da escritura, ou o narrador, ou ainda confundir os personagens com o autor do livro. Portanto, a tragédia escolhida não será trabalhada como ilustração da teoria, seja ela literária ou psicanalítica, mas na sua articulação significativa.

Um outro ponto a ser ressaltado diz respeito ao caráter ambíguo da produção literária, que tem na palavra seu suporte e seu fim. A palavra traz em si uma impossibilidade de fazer unidade, de completar o sentido, pois em sua gênese encontramos um vazio, uma falta que somente será contornada, mas nunca preenchida. O escritor faz um uso particular da língua, reafirmando — e operando com — a estranha familiaridade do signo, suas inúmeras potencialidades, deixando para o leitor trilhas a serem reinventadas, na aposta pelo indecível.

Falar de ambigüidade é falar de polissemia, imprevisibilidade e abertura. A ambigüidade possibilita uma pluralidade de escolhas interpretativas até então não processadas pela codificação usual. Isso ocorre porque a mensagem estética desordena um sistema pré-estabelecido e já assimilado pelo receptor e cujas normas estruturais lhe são familiares (HOISEL, 1996, p. 12).

Esta é também a minha aposta: uma leitura crítica, entre tantas, considerando, com Freud, o paradoxo da liberdade humana: há escolhas, mas elas serão sempre sobredeterminadas pela cadeia significativa que as precederam e cujos sentidos não existem senão *a posteriori*.

Os autores escolhidos para sustentar o diálogo e a argumentação proposta são entre outros: Sigmund Freud, Jacques Lacan, Aristóteles, Maurice Blanchot, nesta fronteira entre literatura, psicanálise e filosofia. Como conclusão provisória, busco destacar em *Édipo Rei* a presença do contingente como elemento estrutural do tecido dramático.

## A CONTINGÊNCIA

[...] esse acaso que nos dá sempre medo, porque esconde a obscura decisão.

(BLANCHOT, 2001, p. 74)

Dois grandes vetores se destacam e se opõem ao tentarem estabelecer a interlocução entre literatura e psicanálise. Um vê na psicanálise o destino e também o horizonte irremediável ao qual deve dirigir-se a obra de arte para encontrar sua explicação última, seu deciframento. Um dos argumentos postula que o próprio Freud teria contribuído para o desenvolvimento desta modalidade hermenêutica de discurso. Afinal, foi ele quem disse: “Por desgracia, el análisis tiene que rendir las armas ante el problema del poeta” (FREUD, 1973 [1928], p. 3004). No entanto, considerando que Freud sempre se precaveu da atitude comum de tentar a ‘psicologia da obra’, proponho ler a afirmação freudiana na direção de uma escolha ética que ele e Lacan — bem mais explicitamente — reiteradas vezes constataram: a impossibilidade da relação de complementaridade entre os campos.

O outro vetor, não menos hierarquizado, considera a literatura como princípio a partir do qual a psicanálise pôde ser demarcada, na história do conhecimento. Esta abordagem supõe uma origem, ou ainda uma primazia daquela sobre esta; no entanto, “a precedência não é um dado irreduzível e primeiro” (FOUCAULT, 2000, p. 163). Derrida propõe o termo “proximidade infinita”, para dizer que o estudo conjunto não reduzirá um saber ao outro, menos ainda a distância que os separa (DERRIDA, 1995, p. 108).

A formulação que hierarquiza saberes aqui será recusada. O saber psicopatológico, tributário da tradição médico-psiquiátrica, reduz o ‘acontecimento’ literário a um conjunto de padrões previamente estabelecidos, neutralizando justamente aquilo que o discurso poético pode ter de mais próprio e singular: “o escândalo de ser um pensamento separado da vida” (DERRIDA, 1995, p. 110). Por outro lado, formada dentro de um campo discursivo que agrupa lingüística e literatura, a chamada crítica literária não sobrevive sem o aporte de outros campos, sem um sinal de exterioridade que lhe forneça consistência lógica.

Na lógica clássica, *modalidade* é a característica de certas proposições ou juízos que determina o modo pelo qual se atribui um predicado a um sujeito (JAPIASSU, 1990).

Todas essas questões foram sistematizadas por Aristóteles (384-322 a.C.) no *Organon*, conjunto de seis livros sobre lógica<sup>2</sup>, onde três registros ou aparelhos são estudados: a Analítica, a Gramática e a Retórica. Para ele, o uso da dedução constitui-se numa analítica, a *épistémê*, razão pela qual não utilizou o termo lógico, forma tardia cuja acepção adjetivada traduz imprecisamente o objeto de que se trata. Segundo Gomes, até hoje “a humanidade não dispõe de outra lógica dedutiva que não seja a de Aristóteles” (ARISTÓTELES, 1985, p. 10).

O primeiro livro do *Organon*, chamado “Categorias”, estuda as dez classes de predicados. Assim como na *Poética*, os comentadores argumentam que sua elaboração compreenderia capítulos de Aristóteles (os nove primeiros) e capítulos enxertados por seus discípulos. Este dado não será tomado aqui com o sentido de falha, a não ser da própria estrutura. A proposição derridiana de escritura anula a oposição ‘texto original X enxerto’, por acreditar que todo texto é, de alguma forma, produção coletiva e, por isso, a noção de enxerto ou, para ir mais longe, de dejetos, como quiseram Baudelaire e Mallarmé, resultam de uma característica positiva de toda escritura.

Segundo a tradição aristotélica e medieval, são quatro as modalidades: *possibilidade*: “É possível que S seja P”; *impossibilidade*: “É impossível que S seja P”; *contingência*: “É contingente que S seja P”; *necessidade*: “É necessário que S seja P”. A proposição necessária é sempre verdadeira, em qualquer circunstância; a possível pode ser verdadeira ou falsa; a impossível é sempre falsa. Sobre a contingência, Aristóteles dirá que provém dos acidentes. O termo acidente opõe-se ao termo essência. Sua definição exata é: “o que está presente e ausente sem corrupção do sujeito” (ARISTÓTELES, 1985, p. 111). Acidental seria ainda sinônimo de “suplementar”, “aquilo que acontece de modo contingente” (FERREIRA, 1999).

No *Organon*, categorias e conceitos são rigorosamente definidos, por referência à posição que ocupam na frase ou proposição, e não como conceitos dotados de imanência: “homem não se acha em um sujeito” (ARISTÓTELES, 1985, p. 52), posto que sujeito é tomado em sua função sintática; “por exemplo, a visão e a cegueira dizem-se do [sujeito] olho” (*ibid.*, p. 94). Ou ainda: “ao dizermos [de um homem] ter uma mulher, não dizemos mais do que habitar com ela” (*ibid.*, p. 110). Mas é ao estudar a categoria gramatical

dos opostos que Aristóteles se vê diante de uma questão paradoxal. Trata-se, segundo ele, de casos em que “o sujeito assumido como receptáculo não admite sempre e necessariamente um dos dois opostos” ou em que “não é necessário que um dos opostos seja verdadeiro e o outro falso, por exemplo, saúde e doença são contrários, mas nem um nem outro é verdadeiro nem falso” (*ibid.*, p. 100). Diz ainda: “o contrário de um mal tanto é um bem como um mal” (*ibid.*, p. 102). E ainda, de algo que não é branco, não se pode afirmar que seja preto, apenas que é “não-branco”. De um homem que não é vil, não se pode afirmar que seja honesto, apenas que é “não-vil”, pois ele pode não ser vil e não ser exatamente honesto. Neste caso, existe a possibilidade de vir a tornar-se honesto. Tais proposições corresponderiam a dois modos lógicos, a possibilidade e a contingência. Ambas referem-se àquilo que a matemática denomina sentenças abertas. Há, porém, diferenças importantes. Quando o predicado se refere ao futuro (mas não apenas), temos a possibilidade, “a afirmação e a negação [será/não será] não podem ser simultaneamente verdadeiras em casos deste tipo” (*ibid.*, p. 134). O outro caso de sentença aberta é aquele no qual “Há contingentes, e por isso, neste caso, a proposição afirmativa não é mais verdadeira do que a negativa, nem uma mais falsa do que outra” (*ibid.*, p. 139). Ou: “Uma coisa pode ser e todavia não ser” (*ibid.*, p. 159).

Ainda sobre a questão do tempo verbal, assim como para o possível, o tempo verbal de preferência é o futuro do presente, podendo também o subjuntivo desempenhar este papel, na contingência, os tempos modelares seriam o futuro do pretérito simples e o futuro do pretérito composto, conforme o esquema abaixo. Desta maneira, para a modalidade da contingência, vê-se a incidência da retroação na própria construção gramatical, além de ficar demonstrado o caráter indecível da proposição.

- Subjuntivo: que seja/tenha; se fosse/tivesse; quando for/tiver
- Futuro do pretérito: seria/teria
- Futuro do pretérito composto teria sido/teria tido

A categoria lógica da contingência permite à ciência lidar com o acaso, fora dos padrões do senso comum. Para a física quântica o princípio da incerteza tem papel fundamental. Ao afirmar que só é possível calcular probabilidades e nunca ter certeza sobre os

acontecimentos do mundo físico, a teoria coloca o acaso como constituindo a natureza. Freud trabalhou segundo a via da “livre-associação” por considerar que o acaso encontra-se sempre sobredeterminado na cadeia significativa. Na literatura quem melhor se antecipou a todas estas formulações da ciência contemporânea, incluindo o acaso como objeto de estudo, foi Mallarmé<sup>4</sup> com seu “Coup des dès”. A palavra francesa que designa acaso, *hasard*, vem do árabe *az-zahr*, que significa “o dado” do jogo de dados, aquele que depende menos da habilidade do jogador do que de uma multiplicidade de fatores, dentre eles a sorte, o imponderável.

O grande interesse de Lacan na lógica aristotélica encontra-se na utilização de proposições gramaticais esvaziadas de sentido, tornando-as ditos que se manipulam. Não há outro caminho, que o de passar pelo escrito, ressalta Lacan. “E assim [Aristóteles] nos dá a idéia da dimensão do Real” (LACAN, *Seminário*. XXI, aula 7, 12 de fevereiro de 1974). É desta maneira que ele retomará os quatro modais, mais de dois mil anos depois, para extrair deles todo o seu rigor antipsicológico, ou seja, lógico. Em várias oportunidades, define a Lógica como “a ciência do Real” (LACAN, 1974). Para ele, a lógica introduzida por Aristóteles faz da verdade “um valor vazio [...] uma maneira de tratar a verdade que não tem nenhum tipo de relação com o que chamamos comumente de verdade” (LACAN, *Seminário*. XXI, aula 11, 9 de abril de 1974).

Assim, a importância da lógica para a psicanálise está não apenas em propor uma formalização que dê conta dos impasses da explicação subjetiva ou essencialista. Ao construir um sujeito variável,  $x$ , subordinado à sua função,  $fx$ , a Lógica desloca a noção totalizadora de sujeito Um e indivisível e instaura o lugar vazio da estrutura necessário às localizações possíveis e contingentes da variável sujeito. Lacan irá chamar de necessário “o que não deixa de escrever-se”, ou seja: “isso se repete”. Em relação ao possível, dirá que é “o que deixa de escrever-se”. O impossível é “o que não deixa de não escrever-se”, coincidindo com o registro do Real. Mas Lacan assinala muito bem que Aristóteles se confunde no que diz respeito ao contingente, sobrepondo-o ao possível:

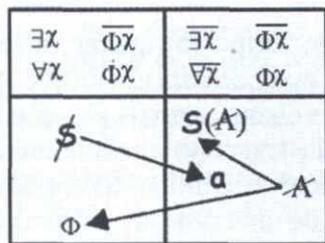
porque afinal, o que deixa de escrever-se pode também deixar de não escrever-se [contingente], ou seja, sair à luz como a verdade da coisa. [...] há

algo que, entre todas essas contingências poderia testemunhar a presença do Real. E se trata do que só se antecipa por meio do dizer na medida em que este se suporta no princípio da contradição. [...] nada como a lógica para elevá-lo à dignidade de um princípio”

(LACAN, *Seminário XXI*, aula 8, 19 de fevereiro).

A lógica aristotélica, também conhecida como lógica clássica, é comumente tida como “superada” pela lógica paraconsistente, desenvolvida por Nilton da Costa (1980), ou pela lógica do “não-todo”, nomeada por Lacan, mas que encontra seus fundamentos na matemática com o famoso Teorema de Gödel<sup>5</sup>. Mas o próprio Lacan reconhece e destaca a abertura promovida por Aristóteles ao propor uma estrutura quaternária e examinar proposições que hoje designamos como indecidíveis. Basicamente, a virada operada por Lacan na lógica aristotélica deriva de um princípio: não há universo de discurso. Em consequência, parte da exceção \$ (existe ao menos um) e não da categoria universal (qualquer que seja), sem oposições binárias, mas enodadas e não exclusivas<sup>6</sup>.

No seminário *Encore*, Lacan formula o quadro da sexualização. Seguindo um encadeamento lógico, e não biológico, divide os seres sexuados por sua posição em relação ao significante da falta, o falo. Propõe um não-impossível, contingente, articulado ao impossível, do lado feminino, cuja propriedade matemática é a mesma dos conjuntos abertos, ou seja, a indecidibilidade; no quadro esquerdo, masculino, estão o necessário e o possível, que correspondem a conjuntos fechados, finitos e contraditórios entre si.



No mesmo seminário, dirá “Sem dúvida Saussure teria podido tentar formulá-lo: em vez de qualificá-lo de arbitrário teria sido melhor apresentar o significante sob a categoria do contingente.” (LACAN, *Seminário XX*, aula 4, 16 de janeiro de 73).

Ainda operando com as categorias modais, ele diz: “É impossível que o sujeito não deseje não saber demasiadamente no tocante a este

encontro eminentemente contingente com o outro”. Sua frase traz na forma aquilo que pretende demonstrar: é impossível é correlativo ao fato de “não desejar não saber”, pois se poderia traduzi-lo por “não cessa de não se escrever”.

A psicanálise, como a literatura, supõe como efeito de discurso a escritura. O termo escritura está ligado ao inconsciente e à estrutura de linguagem. A linguagem à qual me refiro aqui é aquela definida em “Fonction et champ...” não como imaterial, mas sobretudo como campo e como estrutura, em sua materialidade de corpo: “le langage n’est pas immatériel. Il est corps subtil, mais il est corps” (LACAN, 1966, p. 301).

De acordo com o lingüista Jean Claude Milner, linguagem pode ainda ser definida como um sistema sem qualidades, onde não há nada “além de propriedades mínimas de estrutura” (MILNER, 1996, p. 85). A letra é um termo que também comparece em ambos os campos, porém seguramente sem correspondência. Lacan, ao contrapor a Lingüística à Lingüística, forjou o conceito de letra como “o suporte material do que o discurso concreto toma de empréstimo à linguagem” (LACAN, 1966, p. 495). Enquanto o significante representa, estabelece relação, a letra é pura materialidade, cuja principal característica seria a transmissibilidade, dada a sua mobilidade enquanto suporte. Portanto, enquanto o significante representa para, configurando lugares definidos, a letra vem com, possibilitando quedas, deslocamentos, permutas. Lacan insistiu em ressaltar o caráter de mostraçã da letra, espaço mínimo de identidade, qualidade que falta ao significante (não idêntico a si mesmo). Em consequência, se o significante aponta para a alteridade, para outro significante, a letra é isolável, podendo cair ou sobrar, mas sempre deixando sua marca real na escritura (MILNER, 1996, p. 104).

## ALGUNS PONTOS SOBRE A TRAGÉDIA

A resposta é a desgraça da questão.  
(BLANCHOT, 2001)

É difícil precisar quando teria sido escrita a peça *Édipo Rei*. Sabe-se porém que foi representada pela primeira vez em 430 a.C. em Atenas. Trata-se de uma obra que implica diretamente literatura e psicanálise, tendo sido talvez a obra literária sobre a qual a psicanálise

mais escreveu e escreve até hoje, ainda que não sem polêmica.

O senso comum costuma atribuir a Freud a autoria do famoso “Complexo de Édipo”; todavia, o próprio Freud diversas vezes enfatizou que o termo ‘complexo’ fora estabelecido pela escola psicanalítica de Zurique, especialmente por Jung. Ainda que reconhecesse no termo certa utilidade descritiva, Freud utilizou-o com reservas e, mais do que isso, de maneira crítica. Em sua correspondência com Jones, o biógrafo oficial, fala do termo ‘complexo’ como uma noção teórica não satisfatória, referindo-se ironicamente a “uma mitologia junguiana dos complexos”. A popularidade e a vulgarização do conceito não o seduziam: “Nenhum outro termo instituído pela psicanálise [...] adquiriu tão larga popularidade nem foi mais mal aplicado em detrimento da construção de conceitos mais exatos.” (FREUD, 1973 [1914]). A generalização em lugar da ênfase na singularidade; a explicação (fechamento) em lugar da problematização (abertura); a patologização sobreposta à noção estruturante e não negativa são alguns dos fatores que ajudam a entender os motivos pelos quais Freud evitava o conceito. A primeira vez que se refere ao mito é no exercício da sua “auto-análise”, numa carta a Fliess, ele diz que o mito grego sublinha uma compulsão que todos reconhecemos por termos percebido em nós mesmos traços de sua existência (MASSON, 1986). E, embora o Édipo tomado como modelo do funcionamento psíquico seja um tema central da psicanálise, Freud não escreveu um artigo sequer para sistematizar — ou teorizar sobre — o Complexo de Édipo. O único escrito em que o termo é explicitado chama-se, não sem razão, “A dissolução do complexo de Édipo” (FREUD, 1973 [1924]).

Para a psicanálise, importa ressaltar no mito de Sófocles a presença da Lei para regular os intercâmbios sexuais entre os humanos. Freud via no Édipo “uma lei de simbolização” (LACAN, *Seminário III*, aula 6, 11 de janeiro de 1956). Este aparato simbólico preexiste ao sujeito, condiciona suas escolhas, mas também estrutura um campo de outras possibilidades. A situação edípica gira em torno de uma constatação clínica que Freud sempre apontou: a relação dual, imaginária, incestuosa enfim,

condena o sujeito a um desfecho trágico, onde nenhuma escolha pode aparecer. Lévi-Strauss também enfatizou que o caráter coercitivo do tabu do incesto incide mais sobre a positividade das trocas sociais do que propriamente sobre uma proibição ou interdição.

De todo modo, é patente que Édipo não sofreu do Complexo que leva seu nome. Hélio Pellegrino e Lacan desfazem com muita propriedade esse suposto paradoxo. Édipo matou um velho, a quem não conhecia, e com quem esbarrou, por *acidente*, numa encruzilhada. Ele fugia, justamente, para afastar-se daquele que desempenhara verdadeiramente para ele o papel de pai. Recebe do povo de Tebas uma mulher, viúva, e prometida àquele que salvasse a cidade. Por fim, castiga-se por uma falta que não cometeu. Diz Pellegrino:

Ora, se Édipo, herói tebano, se enquadrasse nos termos freudianos do problema, deveria apaixonar-se loucamente por Mérope e estaria condenado a eliminar Políbio, os pais que o criaram desde quando tinha poucos dias de idade. Entretanto, aterrorizado pela predição do oráculo [...] afastou-se de Corinto para evitar parricídio e incesto. Ele não ficou preso aos pais que o amaram e respeitaram. À base do amor recebido [...] conseguiu sair de casa, inventando seus caminhos [...]. Édipo não se viu preso a Mérope e Políbio e, sim, sem sabê-lo, a Laio e Jocasta, pais que o rejeitaram e condenaram à morte [...] Não se pode falar, aqui, de uma paixão amorosa, como no complexo de Édipo, freudiano, e sim de uma condenação cuja raiz é, ao contrário, a total ausência de amor. (PELLEGRINO, 1988, p. 310)

O erro de Édipo foi querer saber demais. Mais sabe, mais se torna infeliz e mais quer saber. Lacan chama a nossa atenção para uma passagem da tragédia, aparentemente banal: como explicar o sumiço do escravo, única testemunha de um crime tão particular, o do rei de Tebas? Ainda mais sabendo que um forasteiro sobe ao trono imediatamente após o assassinato? Para Lacan, Sófocles nos entrega toda a história do escravo para evitar o argumento de que Jocasta pudesse não saber; “ela o sabe, por isso se mata, por haver causado a desgraça de seu filho.” (LACAN, *Seminário XIV*, aula 17, 26 de abril de 1967).

Blanchot interroga “a paixão pela questão”, afirmando que a questão “substitui no vazio a

afirmação plena, ela a enriquece com esse vazio anterior” (BLANCHOT, 2001, p. 42). Para ele, uma questão interrogativa abre a frase “de tal modo que, nessa abertura, esta já não parece ter seu centro em si, mas fora de si — no neutro.” (*ibid.*, p. 44) É deste modo que irá propor a Esfinge (ambígua, inumana) como questão e o homem como resposta. “Édipo, diante da Esfinge, é, à primeira vista, o homem diante do não-homem.” (*ibid.*, p. 49). Tomando a resposta de Édipo como não apenas uma resposta, Blanchot destaca-a como “a própria questão, mas que mudou de sentido.” (*ibid.*, p. 50). O interessante da articulação proposta por este autor é a consideração de que Édipo responde, em primeiro lugar, atraindo o horror que queria eliminar; em segundo lugar, é certo que soube responder, mas com um saber que revelou a ignorância de si próprio e que, “aliás, só foi possível devido a essa profunda ignorância.” (*ibid.*, p. 50).

Tal interpretação aponta para uma importante conclusão: ao responder com o universal, acreditando portanto, na totalização, Édipo perdeu a dimensão singular do acontecimento. Do mesmo modo, ao decifrar a questão, obliterou o vazio da estrutura que torna possível a circulação de outros dizeres. É patente no texto a arrogância de Édipo, mesmo na situação mais adversa. Este aspecto também é iluminado pela leitura de Blanchot:

Arrogância da palavra clara que vem da confiança no saber; daí sua violência própria, a do excesso de saber, esse saber a mais que, por ter atingido de uma só vez a forma plena da universalidade (o homem como universal), faz com que ele esqueça a reserva que traz em si e da qual se exclui por esquecimento, essa parte que ele não poderia reconhecer como verdadeira porque seu estatuto é, igualmente, o não-verdadeiro, a ruptura ociosa, a infidelidade radical por trás do duplo recuo do divino e do humano: ou seja, a própria não-presença. (*ibid.*, p. 52)

Na busca de Édipo pela verdade toda, o erro está implicado, o que leva Blanchot a formular que a busca seria então da mesma espécie que o erro”. O verbo no condicional já indica a presença do contingente, cuja proposição corolária seria: a verdade acabaria com o erro, caso o encontrasse, ou mais ainda, caso o erro fosse separável da verdade. A posição de

Blanchot é uma aposta radical: tomando o exemplo literário, ele diz que “a vicissitude é o essencial” (*ibid.*, p. 70).

Entramos em cheio no nosso tema, posto que vicissitude é sinônimo de contingência. Avatar, cuja etimologia reenvia a queda, acidente. Édipo, a necessidade, e seus avatares, vicissitudes, contingências, o acaso.

Por este motivo não é sem razão que todo o núcleo da peça se desenrola a partir de fatos contingentes. Mário da Gama Kury, tradutor e estudioso do grego, assinala com muita propriedade um ponto da peça, essencial para este trabalho:

o aparecimento do mensageiro vindo de Corinto, puramente acidental mas de grande importância, pois foi a sua revelação, com a melhor das intenções, de que Édipo não era filho de Políbio e de Mérope, que precipitou a descoberta. [...] parece destinar-se a demonstrar que, ao lado da inexorável justiça divina, o acaso, sob a aparência dos fatos simples da vida, concorre igualmente para a descoberta e punição dos culpados. Também nesse detalhe Sófocles foi genial. (KURY, 2001, p. 10)

Mas foi Aristóteles quem ressaltou explicitamente a importância do acidental / incidental na elaboração da tragédia: “A melhor descoberta, todavia, é a resultante dos próprios incidentes, quando a grande surpresa sobrevém por meio de um incidente plausível, como no Édipo de Sófocles.” (ARISTÓTELES, 1966).

Veamos alguns exemplos na própria tragédia:

1. Creonte chega com a mensagem que escutou do deus Febo. Ao ouvi-lo, Édipo diz: “Que disse? É pouco, mas um mínimo detalhe/talvez nos leve a descobertas decisivas/se nos proporcionar um fio de esperança.” (146) Vemos aí o cerne da questão: o possível (“talvez nos leve” e “se nos proporcionar”) vem através do contingente (“um mínimo detalhe”).
2. Logo em seguida, Édipo dirige-se ao Corifeu, afirmando paradoxalmente: “o indício mais sutil será suficiente.” (260).
3. Nesta mesma fala, Édipo demonstra a trágica divisão do sujeito, esquematizada por Lacan quando diz que o sujeito está onde não pensa e pensa

onde não está. “E se ele convive comigo sem que eu saiba,/invoco para mim também os mesmos males/que minhas maldições acabam de atrair / inapelavelmente para o celerado!” (292). É sob esta mesma perspectiva que ele diz sem saber o que diz “hei de lutar por ele como por meu pai” (315).

4. No duelo verbal com Tirésias o cego que vê, Édipo propõe novamente uma conjunção do possível com o contingente: “E se enxergasses eu diria/que foste o criminoso sem qualquer ajuda!” (416).
5. Quando Tirésias diz, com todas as letras “és o assassino que procuras!” (431), Édipo interroga-o “Por que silenciaste diante dos tebanos/ansiosos por palavras esclarecedoras/na época em que a Esfinge lhes propunha enigmas?” (469). Desta forma, sem se dar conta, culpabiliza-o por não ter evitado que ele matasse o pai e desposasse a mãe. A contingência do encontro com o pai teria sido evitada? Para esta questão, formulada no condicional retrospectivo, haveria resposta. No entanto, o valor desta resposta é logicamente indecível.
6. É por esta razão que o Coro dirá “não creio, não descreio, estou atônito.” (583). Se a lógica que presidisse esta tragédia fosse uma lógica do universal, tal formulação seria impossível, pois se não creio, é porque descreio. No entanto, a lógica dedutiva ou como Lacan a denominou “lógica do não-todo”, comporta esse termo indecível.
7. No momento do confronto com Jocasta, Édipo refaz sua genealogia mencionando “um fato inesperado” (924): tratava-se da verdade sobre sua origem dita aparentemente ao acaso. A partir daí, todas as vezes em que se referir à dupla transgressão, ele o fará utilizando os verbos no futuro do pretérito: “eu me uniria um dia à minha própria mãe/e mostraria aos homens , descendência impura/depois de assassinar o pai que me deu vida.” (944).
8. Há uma passagem muito esclarecedora da estrutura da tragédia baseada nos tempos verbais. O diálogo com o pastor transtorna Édipo: “Hoje/tornou-se claro a todos que eu não *poderia/nascer* de quem nasci, nem [podia] *viver* com quem vivo/ e, mais ainda, *assassinei* quem não devia!” (1389). O assassinato

do pai está referido no pretérito perfeito, não há dúvida do que ocorreu. Toda a força de Totem e Tabu se deve ao fato de construir mitologicamente a instauração do mundo da cultura pelo assassinato do Pai primevo. Já em relação ao incesto mãe/filho, os verbos estão no futuro do pretérito, marcando o caráter indecível da impossibilidade. Esta mesma estrutura aparece após a morte de Jocasta: “gritando pelo filho que trouxera ao mundo/para matar o pai e a quem *destinaria/a* ser mãe de filhos de seu próprio filho,/se merecessem esse nome.” (1472).

9. No diálogo final entre Édipo e Creonte que já se tornou rei, encontramos outros tempos verbais, com predominância do futuro do presente. De acordo com Foucault (1974), o futuro é o tempo da prescrição e da predição; trata-se aí da verdade do poder real que pretende a totalização e a universalização. O presente e o imperativo neste final também reforçam a mesma idéia. Por isso, já não vemos o tempo verbal predominante até então: o condicional, indecível, não-todo, substituído pelo simbólico (necessário) e pelo imaginário (possível).

É preciso considerar ainda que Sófocles utiliza explicitamente os termos lógicos em toda a narrativa:

1. A oposição entre o universal (o simbólico e o imaginário) e o particular (o contingente e o impossível) está presente ao longo da tragédia: “somos pessoas de todas as idades” (18); “enfim contemplas todo o povo dessa terra” (24); “*tudo* estéril” (35); “como dizemos/e cremos *todos*” (51); “mortal melhor que *todos*” (60); “Salva Tebas hoje para todo o sempre!” (66); “Sei bem que todos vós sofréis” (77); “Quero que faleis diante dos tebanos *todos*” (116); “*Todos* estão agora mortos, salvo um” (144); “Quais os rumores? Quero conhecê-los todos.” (345); “*único* entre os homens” (354); “Tu que apreendes a realidade *toda*” (356); “Eis-nos aqui à tua frente, ajoelhados/em atitude súplice, *toda* a cidade!” (391); “Pois *todos* vós sois insensatos.” (393); “É *tudo* inútil.” (399); “impropérios que *todos* os tebanos” (445); “É *todos* os lugares hão de ouvir bem cedo/os teus lamentos;” (507); “mas *todos* verão bem cedo” (543); “que *todos* saiam em

perseguição” (572); “Apolo e Zeus têm olhos para *tudo*.” (595); “sim, foi aos olhos dos tebanos *todos*” (604); “Faço-lhe todas as vontades no governo.” (678); “pensam assim todos os homens comedidos” (688). Aí estão alguns dos inúmeros casos em que o todo se contrapõe ao singular.

2. Utilização dos modais: “É *plausível* esse afeto?” (1213); “Com seu destino por paradigma, /desventurado, mísero Édipo, /julgo *impossível* que nesta vida/qualquer dos homens seja feliz!” (1398); a categoria do possível aparece em vários momentos onde os personagens se entregam a conjecturas: “Que controvérsia pode ter havido/entre os labdácidas e o descendente/de Políbio?” (586); o necessário aparece, como Foucault (1974) também ressalta, nas prescrições simbólicas às quais os sujeitos, todos sem exceção, se encontram submetidos.

## PARA (NÃO) CONCLUIR

E ele me amava tanto, a mim,  
que lhe viera de mãos estranhas?  
É plausível esse afeto?  
(ÉDIPO)

A letra como uma precipitação do significante é hipótese de Lacan, consistente com seu movimento que parte do sentido ao *nonsense*. O saber do inconsciente é um saber particular, sem sentido, vazio, furado, incompleto, não-todo e Lacan utiliza justamente uma letra, a, para marcar a fronteira desse buraco. O *nonsense* radical da letra tem a ver com o Real. Para a psicanálise, o significante apresenta-se, tem primazia sobre o significado, condiciona o inconsciente e, portanto, a função da letra.

A *escrita criativa* — tomando uma expressão com que Freud nomeava a literatura — parte de traços de memória, imprimindo na cena do mundo a marca de algo novo. Este novo, entretanto, não constitui criação *ex nihilo*, mas provém de uma *retranscrição*, um modo diferente de repetir.

Gilles Deleuze (1981) estabelece uma clara definição daquilo que no *Projeto* Freud já explicitara: a repetição como diferença. *Repetição* aparece então como diferente de *generalidade*. Ele destaca sobretudo que repetição e semelhança possuem diferenças inatas, “mais do que isso, extremas”. Sua conceituação é precisa: repetição como universalidade do singular.

Quero supor que esta apresentação do

significante tem a ver com o registro da contingência. Deste modo, proponho pensar que é do lado feminino (no quadro, à direita) que a invenção pode aparecer. Ao escolher o termo ‘invenção’ como marca da obra ficcional, recuso o uso do termo ‘criação’ para designar a obra de arte. Sabemos que Nietzsche já opunha invenção [*Erfindung*] a origem [*Ursprung*]. Foucault parte de Nietzsche para dizer: “O conhecimento foi, portanto, inventado. Dizer inventado é dizer que ele não tem origem. É dizer, de maneira mais precisa, por mais paradoxal que seja, que o conhecimento não está em absoluto inscrito na natureza humana.” (FOUCAULT, 1974, p. 12). Assim, Lacan pôde dizer: “eu não descobri a verdade, invento-a”. O sujeito para a psicanálise não tem origem: ele aparece — e se desvanece — no intervalo entre dois significantes.

O ponto de partida para formular a hipótese deste trabalho é uma dupla aposta. Aposta cética do lado da literatura: Borges insiste em que nada se cria, o Livro é reescrito a cada vez. Aposta ética do lado da psicanálise: o inconsciente nada descobre no mundo. Inventar portanto opõe-se à ‘criação *ex nihilo*’, sem que por isso corresponda a qualquer efeito de inovação ou moda. No âmbito deste trabalho, invenção tem o caráter de produção, solidário ao conceito de escritura.

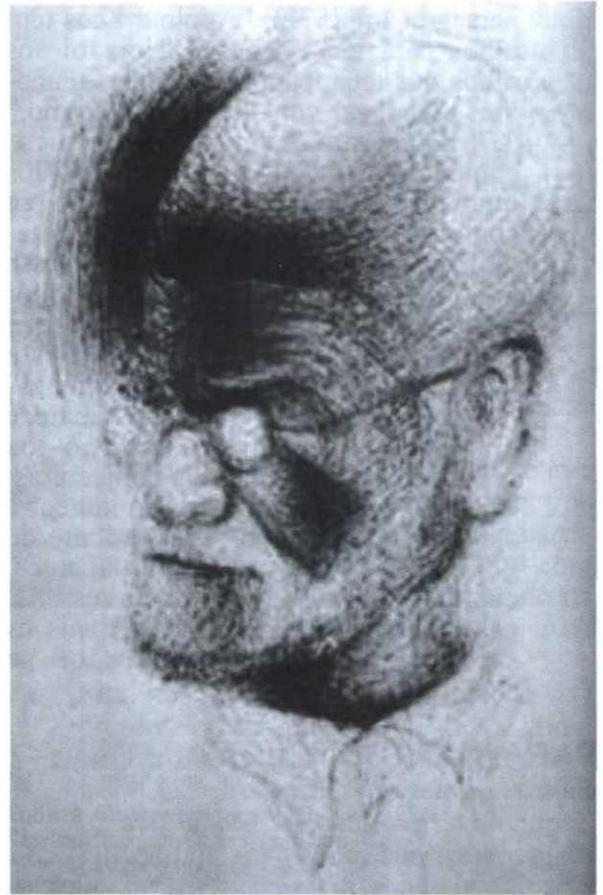
Fiquemos então, provisoriamente, com a categoria do contingente que definirei aqui como efeito retroativo de escritura, para o qual não vale o ‘pode ser ou não ser’. Não se dirá que entre os dois campos poderá ou não existir uma relação, se ela já estiver escrita. No máximo, podemos constatar seus efeitos. E chamá-la contingente porque não biunívoca, não complementar, não homogênea, não hierárquica, não necessária, não essencial, “não incestuosa” (VIDAL, 2000), não-toda e não impossível. De acordo com a nossa hipótese, a escritura, seja ela produzida em análise ou numa produção literária, sempre, e por razões de estrutura, opera com a falta, fazendo borda, margeando o furo constitutivo da linguagem. E é justamente por não tentar obturá-la que algo do Real pode vir a ser destacado e mostrado, como parece ser o caso da produção literária.

Escapar dos enquadres tradicionais que buscam na vida do escritor as condições e as razões da sua produção, impõe interrogar o objeto texto ultrapassando a noção tradicional de produto, de cópula entre significante e significado, na direção apontada por Mallarmé e sistematizada por Derrida e Lacan, onde o jogo e o indecível operam positivamente,

dando prevalência à cadeia significativa e à materialidade da letra. A invenção, seja ela uma produção literária ou aquela que podemos supor de um final de análise é, caso ocorra, um efeito a posteriori. Ligada ao saber, transmissível, mas sem significação, enumerável, mas não calculável, plausível<sup>8</sup>, mas não preditiva, suplemento, não complemento, ela porta, inevitavelmente, o selo da contingência que caracteriza a singularidade do acontecimento humano.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Psicanalista, tradutora, Doutora em Letras (UFBA) e professora das Faculdades Jorge Amado-Ba.
- <sup>2</sup> Foi a “tradução” escolástica latina (séculos XII-XIII) quem substituiu *analítica* por *lógica*. Aristóteles não se refere ao termo *lógica*.
- <sup>3</sup> Acidente: do latim, *accidere* formado de *ad* (para, em direção a) e de *cadere* (cair). Portanto, o sentido etimológico é “*cair sobre*”, deslizando ao sentido figurado “acontecer por acaso” (REY, 1993).
- <sup>4</sup> Para o crítico e poeta Haroldo de Campos, Mallarmé (1842-1898) inaugurou a pós-modernidade, ao trabalhar com a distribuição aleatória das palavras. Seu poema mais famoso diz: “Um lance de dados jamais abolira o acaso”.
- <sup>5</sup> Teorema de Gödel: “All consistent axiomatic formulations of number theory include undecidable propositions” (HOFSTADTER, 1989, p. 17). Formulado em 1931, é a proposição VI do “On Formally Undecidable Propositions in *Principia Mathematica and Related Systems*.”
- <sup>6</sup> “O complexo de Édipo é ao mesmo tempo universal e contingente” (LACAN, 1954, p. 46)
- <sup>7</sup> Com já foi dito, Lacan demonstra com o quadro da sexualização humana o lado não-todo, cuja característica é a indecidibilidade, composto pela categorias lógicas da contingência e da impossibilidade.



- <sup>8</sup> “Un coup de dés jamais n’abolira le hasard.” [Um lance de dados jamais abolirá o acaso]
- <sup>9</sup> Plausível é um termo que Aristóteles empregou em *Poética* (Aristóteles, 1966, p. 78), obra do último período. Aí, o contingente já não aparece. A aproximação dos termos é proposta do meu estudo.
- <sup>10</sup> “Todo acontecimento é único, mas aberto à transformação, à reativação” (Foucault, 2000).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES (1966). *Poética*. Trad., prefácio, introd., coment. e apêndice Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo.
- ARISTÓTELES (1985). *Organon*. Trad., prefácio e notas Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores.
- BLANCHOT, Maurice (2001). *A conversa infinita: a palavra plural*. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta.
- COSTA, Nilton (1980). *Os fundamentos da lógica*. São Paulo: Hucitec/EDUSP.
- DELEUZE, Gilles (1981). Repetición y diferencia. In: Foucault, Michel *Theatrum Philosophicum*. Trad. Francisco Monge. Barcelona: Anagrama.
- DERRIDA, Jacques (1995). *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 2 ed. São Paulo: Perspectiva.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FOUCAULT, Michel (1974). *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Machado e Eduardo de Moraes. Rio de Janeiro: Divisão de Intercâmbio e Edições. (Cadernos da PUC, série Letras e Artes)
- FOUCAULT, Michel (2000). *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- FREUD, Sigmund (1973[1914]). Recuerdo, repetición y elaboración. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tomo II. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva.
- FREUD, Sigmund (1973 [1924]). La Disolución del complejo de Édipo. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva.
- FREUD, Sigmund (1973 [1928]). Dostoyevski y el parricidio. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva.
- HOFSTADTER, Douglas (1989). *Gödel, Escher, Bach: an Eternal Golden Braid*. New York: Vintage Books.
- HOISEL, Evelina (1996). A leitura do texto artístico. Salvador: EDUFBA. (col. pré-textos)
- JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo (1990). *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- KURY, Mário da Gama (introd.) (2001). In: *SóFocles* [430 a. C.]. A trilogia tebana. Trad., introd. e notas Mário da Gama Kury. 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (col. Tragédia grega; v.1)
- LACAN, Jacques (1966 [1953]). *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse*. In: \_\_\_\_\_.

Écrits. Paris: Seuil.  
 LACAN, Jacques (1978 [1954]). Le Séminaire, livre II: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse. Paris: Seuil.  
 LACAN, Jacques (1955). Livre III: Les Psychoses. Paris: Seuil.  
 LACAN, Jacques (1973/4). Le Séminaire livre XIX: Le Savoir du psychanalyste. Inédito (mimeo). Publication hors-commerce.  
 LACAN, Jacques (1975 [1973]). Le Séminaire livre XX: Encore. Paris: Seuil.  
 LACAN, Jacques (1974). Le Séminaire livre XXI: Les non-dupes errent. Inédito (mimeo.). Publication hors-commerce.

MASSON, Jeffrey Moussaieff (Ed.) (1986). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago.  
 Mlner, Jean Claude (1996). A obra clara. Lacan, a ciência e a filosofia. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.  
 PELLEGRINO, Hélio (1988). Édipo e a paixão. In: Cardoso, Sérgio et al. Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das Letras.  
 REY, Alain (1993). Dictionnaire historique de la langue française. Montréal: Dico-robert.  
 VIDAL, Eduardo (2000). Para (de) se ler Joyce. Encontro com Jacques Aubert. Rio de Janeiro, Escola

## 2. PSICANÁLISE E LINGUAGEM

### NAS TEIAS DO SONHO

Roseli Maria Rodella de Oliveira  
 rrodella@oi.com.br



As origens do êxito da linguagem remontam ao século XX, quando apareceram, segundo Michael Foucault<sup>1</sup>, dois novos discursos que não se assemelham aos discursos anteriores, seja o da ciência ou o da filosofia. Trata-se do discurso de Marx e Freud. Foucault denomina de uma nova discursividade. Para ele, Marx e Freud não são, no sentido estrito, apenas autores de um novo saber; são mais que isso. O que um autor publica inscreve-se em algum conjunto anteriormente estabelecido. Um autor da física inscreve-se na ciência física; um da biologia, na ciência biológica. Freud não fez apenas isso, ele fundou uma nova discursividade, trouxe ao mundo das idéias um novo discurso instaurando uma nova razão que, alterou, essencialmente, a relação entre causa e efeito, tornando possível pensar que os efeitos não são proporcionais à causa. É possível pensar, inclusive, mais nos efeitos do que na causa e isso contraria a mecânica.

Podemos, também, dizer que o século XX é

o século da linguagem devido ao seu extraordinário desenvolvimento. Exemplificamos com a informática, atualmente uma das áreas que mais se desenvolve, e que utiliza a forma de expressão de informação binária, fundamentada no raciocínio digital, ou seja, metafórico. Outro exemplo, que podemos dar, é A Interpretação dos Sonhos<sup>2</sup>, de Freud, uma obra recheada de referências lingüísticas sem, no entanto, ele ter conhecido o trabalho de Saussure, seu contemporâneo. Porém, as relações entre a Psicanálise e a linguagem estão colocadas desde os primeiros tempos, seja nos trabalhos sobre o sonho, o sintoma, os chistes e os atos falhos. Em sua retórica, o “trabalho do sonho”<sup>3</sup> é considerado como um sistema lingüístico a ser decifrado e cujos processos principais, a condensação e o deslocamento, são análogos às figuras da retórica em que Jakobson veria a essência do funcionamento da linguagem literária, a metáfora é a metonímia.

Os mecanismos de condensação e deslocamento, que Freud chamou de “o trabalho do sonho”, são característicos do inconsciente, são suas leis. São mecanismos simbólicos que não são só exclusivos do sonho, mas de todo o simbolismo lingüístico decorrente da tradição retórica. Podemos exemplificar o mecanismo da condensação com o sonho de Freud, o de Injeção de Irma<sup>4</sup>. Nesse sonho Freud condensa

uma série de pessoas: sua filha, pela membrana diftérica; Irma com a figura de uma criança, através da associação do exame que realizou em ambas; uma senhora que também havia examinado e que o leva a mais uma associação, à sua esposa, etc.

Benveniste<sup>5</sup> havia percebido muito bem isso, a propósito de Freud e sua Interpretação dos Sonhos: “ele reencontra, [...] o velho catálogo dos tropos”.

Todorov<sup>6</sup> faz uma análise do que foi a interpretação dos sonhos, referindo-se a essa questão da lingüística. Ele diz que, no princípio do século XX, a tradição retórica tinha caído no esquecimento e é “Freud quem destaca e descreve fatos verbais como, por exemplo, o deslocamento, que tinham escapado a atenção dos retóricos”. E continua seu elogio a Freud:

“A contribuição de Freud para a teoria do simbolismo, em geral, não está na descrição do trabalho do sonho: sua originalidade é que ele redescobre as distinções retóricas e as aplica a um novo domínio – o sonho”.

Mesmo em relação às imagens do sonho, forma de expressão de pensamentos figurativos, vemos o brilhantismo de Freud: o sonho fala por tropos. A aproximação que ele faz de que “o conteúdo dos sonhos nos é dado sob a forma de hieróglifos cujos signos devem ser sucessivamente transpostos para a língua dos pensamentos do sonho”<sup>8</sup> mostra-nos, exatamente, seu caráter enigmático como as primeiras linguagens escritas que Champolion decifrou.

Foi Lacan, posteriormente, tendo acesso a lingüistas, como Saussure, Chomsky e Jakobson, que abriu um campo de

investigação comum à Psicanálise e à Lingüística sem, contudo, torná-las idênticas. Adota o conceito lingüístico de significante, fazendo uma inversão da forma introduzida por Saussure nos conceitos de significante e significado. Em sua releitura, demonstra que a obra freudiana não é da alçada da Biologia nem da Psicologia como se costuma pensar, e dá a ela um fundamento estrutural e linguageiros à concepção freudiana do Inconsciente. Sua célebre frase “O Inconsciente é estruturado como uma linguagem”, resgatada por Lacan<sup>9</sup> da obra freudiana, foi, então, atualizada com as novas ferramentas da lingüística. Lacan<sup>10</sup> disse: “Quando li a ‘interpretação dos sonhos’, delirei e resolvi introduzir a lingüística na análise. A questão é que Freud ficou atrelado ao pensamento, porque não tinha à sua disposição as coordenadas culturais que tenho”.

Inclusive, Gerbase<sup>11</sup>, discutindo o futuro da psicanálise, propõe como fundamento da psicanálise a perda de gozo que se verifica na passagem do significante ao significado:

“Eu acredito que a psicanálise só tem futuro se admitir esse fundamento, porque o que se espera justamente da psicanálise é que venha se desfazer, pela fala, o que foi feito pela fala. Um tratamento que é fundado sobre o método da fala só terá futuro se se assentar na teoria da fala, na teoria do significante, na teoria do que Freud descobriu sob o termo inconsciente”.

Cabe a nós, psicanalistas, enredarmo-nos na teia freudiano-lacaniana que indica a operação com o discurso do analista tomado como o laço social fundado sobre a linguagem.

#### NOTAS:

<sup>1</sup>Lacan citando Foucault em 1968 que discorreu sobre *O que é um autor?*.

<sup>2</sup>FREUD, Sigmund. (1900) Interpretação dos Sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, vs. IV e V, 1987.

<sup>3</sup>Mais que um simples tratado, a Interpretação dos Sonhos versa sobre o sonhador que realiza, no sonho, um desejo desconhecido para si. Freud desvendou as leis de qualquer discurso e fundou a Psicanálise assentada sobre o conceito de Inconsciente.

<sup>4</sup>Idem, v. IV, pg 113-130

<sup>5</sup>BENVENISTE, Émile. *Problemas de la lingüística general*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1974.

<sup>6</sup>TODOROV, Tzvetan. *Teorias do símbolo. Coleção Signos*, Lisboa: Edições 70, 1979.

<sup>7</sup>Idem.

<sup>8</sup>FREUD, Sigmund, op.cit.

<sup>9</sup>LACAN, Jacques. (1964). *Seminário: livro 11*. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, pg.25.

<sup>10</sup>LACAN, J. Aula de abril de 1978.

<sup>11</sup>GERBASE, Jairo. O fundamento da psicanálise. In: *O futuro da psicanálise*. Aristides Alonso e Rosane Araújo (Org.) Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002, p. 114.

## 3. PSICANÁLISE E ARTE

### REPRESENTAÇÕES DO INDIZÍVEL

Alba Abreu Lima  
albabreulima@hotmail.com

Na psicanálise, como na arte, tratamos das representações do indizível. Merleau Ponty dizia que a arte é um advento – um vir a ser do que nunca existiu – como promessa infinita de acontecimentos. Quando Lacan, no *Seminário XX*, analisa o barroco, define esse estilo como o da “regulação da alma pela escopia corporal”. A arte barroca, a exemplo da impressionante Igreja de São Nicolau em Praga ou o Êxtase de Santa Tereza d’Ávila na Santa Maria della Vittoria em Roma, além de evocar desprezo pelas formas clássicas e rigorosas do greco-romano e historicamente atender às exigências da revolução da igreja - a restauração -, traduzia uma exibição de corpos gozantes em sua inegável mostra do indizível.

Toda invenção artística só pode advir de uma falta: falta em ser do sujeito da linguagem. A linguagem é a matéria que particulariza o homem na espécie dos mamíferos, pois a representação e o símbolo inauguram uma ordem cultural que o protege das forças da natureza, porém não apenas pelo instinto, que adapta perfeitamente todo o reino animal, mas dotando-o de uma paradoxal insatisfação pulsional.

Para a psicanálise, a insatisfação pulsional equívale à divisão subjetiva e é responsável pela estruturação do sujeito em sua submissão ao código lingüístico. A estrutura da linguagem impõe ao sujeito uma defasagem entre palavra e coisa, não oferecendo, assim, um conjunto de elementos que teria uma significação fechada, Toda. Isso se dá por conta da falta, do vazio que Freud denomina ‘angústia decorrente da perda do objeto’; que o sujeito tenta suturar em ficções tecidas no vínculo com o Outro. O sintoma é a resposta a esse mau encontro e que permite ao sujeito se defender da alienação ao desejo do Outro.

O artista é aquele que não teme a divisão subjetiva, não tem receio de expor o que o

divide. A invenção artística exterioriza o mais íntimo do sujeito. Nesse sentido é que reconhecemos a arte como escuta do não-dito, contemplação do não-visto, lembranças esquecidas e desejos míticos primitivos. Lacan, no *Seminário VII*, dá uma noção de como a arte inventa uma resposta diferente para a satisfação mítica - o Das Ding: “A arte é um certo modo de organização em torno do vazio”. A arte pincela, esculpe e toca em notas musicais a figuração do branco, do silêncio. Quando afirma nesse Seminário que ela “eleva o objeto à dignidade de Coisa”, quer dizer que a arte consegue se constituir em substituto direto para o gozo mítico primário.

Assim como o artista deixa de lado o medo de mostrar sua verdade, leva-nos ao mesmo estado, pois é comum falar o quanto um livro, um filme ou uma obra de arte tem o efeito de mudar radicalmente nossa vida, produzir uma destituição subjetiva.

Os efeitos que a obra de arte produz vão muito além de valores estéticos e técnicos, tanto que Van Gogh não sabia desenhar, no entanto sua obra ultrapassa essa limitação. Os pensadores modernos rejeitam o padrão clássico de beleza, propondo em seu lugar o termo sublime para designar a força contida em qualquer invenção. Senão, como entraríamos na sala escura de Goya no Museu do Prado? Ou mesmo como apreciaríamos a obra de Shakespeare, carregada de tanta desolação e miséria humana? Foi Picasso quem deu a resposta: “não é a aplicação de uma regra de beleza, mas aquilo que o instinto e o cérebro podem conceber além de qualquer regra”. Segundo Lacan, quando analisamos um quadro, somos apreendidos e nos tornamos quadro para ele. Uma pintura pode acalmar-nos, apaziguar-nos e ao mesmo tempo, surpreender, chocar. Sobre o quadro, não há

compreensão ou saber a ser decifrado: é preciso se entregar ao olhar, sem tentar decodificá-lo ou reconstruir a intenção do autor. A erudição, inclusive, atrapalha.

A arte nos coloca frente a frente com o que escapa do simbólico, remarcando e representando algo do real, do horror da castração que está devidamente velado, para que possa ser exposta. A concepção da arte como testemunho do laço civilizatório, daquilo que pode ser exposto nos Museus ou como instalações, está em “O futuro de uma ilusão”, onde Freud considera que: “a arte oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais, e, por esse motivo, ela serve, como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer em benefício da civilização”.

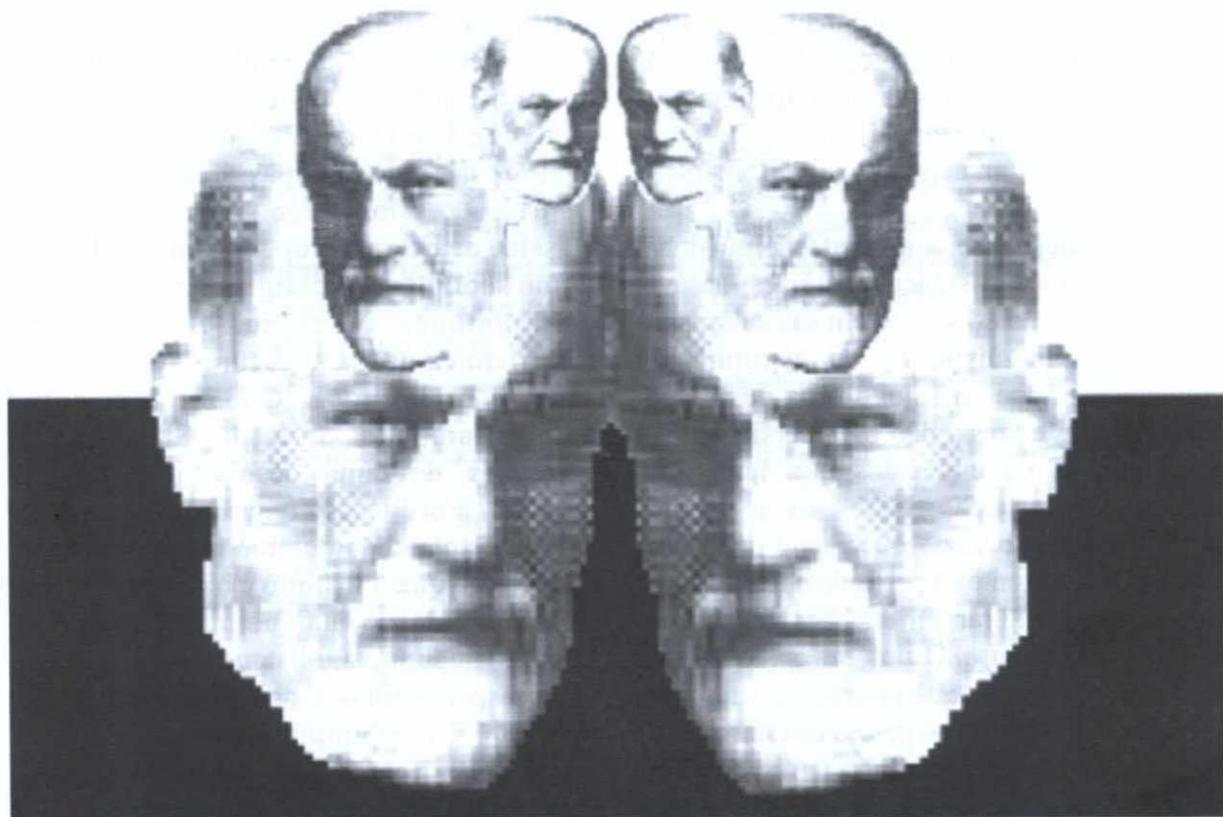
Freud nos adverte em *Mal-estar na Civilização*, que o sujeito busca a felicidade na quietude. Para ele, existiriam três maneiras de lidar com a ‘técnica da arte de viver’ e que são retomadas por Lacan, em *A ciência e a verdade*:

- A religião, quando a dor da existência pode ser amortizada por um remodelamento delirante. O religioso,

considera Lacan nos *Escritos*, entrega a Deus a incumbência da causa do seu desejo e, com isso, corta o acesso à verdade, pois a verdade acaba se instalando na culpa;

- A ciência, buscando através da comunidade humana encontrar meios de defesa contra a natureza. Lacan define a ciência como o esforço para costurar a divisão subjetiva - fazer o Todo;
- E, por fim, mas não menos importante, a arte que, assim como a droga, tem a capacidade de iludir, porém, sem alienar o sujeito de suas aflições reais, e fortalecer o laço social entre os homens.

O tratamento psicanalítico, assim como a invenção artística, não pretende pintar uma realidade supostamente encoberta pelo recalque, mas explorar todas as probabilidades significantes que o sujeito colocou no lugar do desamparo estrutural, visando sua libertação. Lacan assim o recomenda quando afirma que a interpretação deve apontar o não sentido (*pas-de-sens*). No *Seminário XI*, ele diz que a função da interpretação psicanalítica seria a de separar o sujeito, “libertá-lo do efeito afanísico do significante binário”, isolar o S1 antes que ele ganhe sentido ao se articular na cadeia



associativa.

O trabalho do analista, sempre árduo, contínuo e sem qualquer glamour, poderia apenas mirar-se no ofício do artista no que diz respeito à possibilidade de invenção. A invenção que se espera de um sujeito no tratamento é a produção de um saber sobre o gozo imaginado em seu circuito pleno, para desenvolver uma capacidade plástica a partir da interpretação analítica e movimentá-lo de sua inércia. Trata-se, como indica Lacan na

Proposição de 9 de Outubro, de uma operação de enquadre do não-sentido dos tormentos do sujeito num 'quadro de saber', conduzindo-o em sua retomada frente às escolhas.

A operação analítica pode ainda se equivar à arte no sentido de permitir que o sujeito possa encarar a possibilidade de ser feliz. Feliz como Lacan propõe em "Televisão", em não temer a repetição, o encontro, o acaso.

#### BIBLIOGRAFIA:

- BENJAMIN, Walter. A obra de arte e suas técnicas de reprodução In: A idéia do cinema. Trad. Edson de Araújo e J. Benedito Damiano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- CIVITA, Victor. Arte nos séculos. *Coleção de fascículos*. S. Paulo: EdAbril Cultural, 1969.
- CIVITA, Victor. Arte nos Séculos. Coleção de fascículos. S. Paulo: EdAbril Cultural, 1969.
- COUTINHO, Denise (2003). *Memória, contingência, invenção: um laço entre literatura e psicanálise*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia, Bahia.
- DIDIER-WEILL, Alain. A nota azul - *Freud, Lacan e a arte*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1997.
- FREUD, Sigmund. *Edição eletrônica das obras*

*completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LACAN, Jacques. *Seminário VII, A Ética da psicanálise*. Trad. Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

\_\_\_\_\_. A Ciência e a verdade. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1979

\_\_\_\_\_. *Seminário XX, Mais ainda*. Trad. MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

RIVERA, Tânia. *Arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

# FORMAÇÃO DO PSICANALISTA

# FORMAÇÃO DO PSICANALISTA

## 1. PSICANÁLISE OU PSICOTERAPIAS BREVES

Heloisa Prudente

heloisaprudente@infonet.com.br

Após a descoberta freudiana do inconsciente, propiciando o nascimento da Psicanálise, vimos surgir as psicoterapias atuais, incluindo-se, entre elas, a chamada "Psicoterapia Breve". Se foi a partir da Psicanálise que seu aparecimento se concretizou, isso não significa que as semelhanças foram privilegiadas, ao contrário, o que percebemos foi um afastamento teórico e prático intransponível que não se reduz à temporalidade da Psicoterapia Breve.

A questão mais importante para a psicanálise não é a duração e, sim, a direção do tratamento. O sintoma, sofrimento que o sujeito não suporta e que faz com que o tratamento tenha um início, é escutado de modo diverso, por isso é que as duas práticas percorrem caminhos paralelos.

O psicoterapeuta breve trabalhará na busca do entendimento e tentará fazer do sintoma algo compreensível para o paciente colocando-o numa linguagem pública, sem dar

importância a sua origem ou força. As recordações do passado, a recuperação das memórias das experiências da vida infantil só terão relevância para o preenchimento das lacunas da história do sujeito. Isso porque sabemos que, ao falar de seu sofrimento, o sujeito sente certa estranheza e é sobre essa estranheza que o psicoterapeuta fará a sua intervenção, traduzindo-a para uma linguagem corrente conhecida. É como se a história da vida do sujeito com os seus sintomas, lapsos e esquecimentos fossem um texto defeituoso, deformado que o psicoterapeuta, através da compreensão e sugestão, possibilitará reconstruir como um modelo mais compreensível para que a sua vida seja mais adaptada.

O psicanalista caminha por outra via. Ao escutar o paciente, está atento aos tropeços, aos impasses da fala não no sentido de dar significações compreensíveis, mas para provocar no sujeito a escavação do real, do estranho, para que este possa fazer advir o desejo, desejo que é inconsciente, desconhecido do próprio sujeito. É o que nos ensina Freud. O que se espera é que, no tempo próprio e singular a cada um, longe das identificações impostas pela história parental e social, o sujeito possa ser empurrado pelo analista a se tornar ativo no mundo, por meio do seu próprio desejo.

A técnica psicanalítica não objetiva fazer o bem, curar, compreender ou moldar o sujeito aos ideais societários. Ela não pretende consertar o que não deu certo na socialização do sujeito para que possa viver harmoniosamente com o mundo, já que não há a intenção de “iludir” o sujeito de que ele possa, em algum momento, ser todo “feliz”, completo. O analista sabe que ser faltante é da estrutura do sujeito.

O analista, em oposição ao psicoterapeuta breve, não é formador de um indivíduo e também não é um mestre. Ele não tece considerações, não dá conselhos, não dirige a vida do sujeito, mas leva o sujeito a interpretar seus enigmas, buscar os significantes e, principalmente, espera estancar o movimento da repetição. O analista sabe que os tropeços da fala, real que se coloca a todo o momento, trarão efeitos de saber que levam a uma mudança subjetiva no sujeito. Com isso,

queremos dizer que, se no início o sujeito vem em busca de garantias, em busca da “cura”, no percurso da análise toma consciência do quanto estava alienado ao desejo do Outro, do quanto era alienado da sua própria história, podendo, então, simplesmente enfrentar sua “infelicidade banal”, como disse Freud.

O problema entre as duas técnicas não se resume a pequenas diferenças. Trata-se, na verdade, de uma oposição radical quanto à direção do tratamento. A psicoterapia breve prioriza o sentido do sintoma e assim acaba por dirigir o tratamento para a restauração da identificação, levando a uma ilusão de cura, pois o sujeito faz o caminho orientado e traçado pelo terapeuta. Melhoras há, porque sabemos que se pode até eliminar um sintoma, mas não o sofrimento do sujeito que encontrará outras formas de manifestações sintomáticas. Para o psicanalista, o que conta é a face real do sintoma e, no final, o sujeito poder bem dizer seu sintoma, ou seja, o sujeito pode libertar-se do imperativo do desejo do Outro, minimizar o seu sofrimento e reconstruir a sua história como autor, ator e diretor de sua vida.

A direção do tratamento de uma e de outra difere radicalmente por trabalharem com pressupostos divergentes. Enquanto a psicoterapia breve se assenta sobre a idéia de completude do indivíduo, a psicanálise o concebe como dividido, pois coloca a falta como estrutural, tornando impossível a unicidade do sujeito.

A curta duração, ponto colocado como positivo pela Psicoterapia Breve e que seria uma oposição à Psicanálise, na verdade não se coloca como tal. Não é impossível à Psicanálise que uma análise ocorra com brevidade; isso depende da subjetividade própria a cada sujeito. Porém o importante é que, mesmo com brevidade, o sujeito trabalha na contra-mão da identificação, permitindo ao analista analisar e não moldar ou dirigir o psiquismo do paciente.

Concluindo, na psicanálise, a “cura” terapêutica vem por acréscimo, pois o mais importante é a mudança na qual o sujeito se liberta da maneira neurótica de gozar (sofrer). Ou seja, que o sujeito possa ir construindo a sua liberdade diante do desejo imperativo do Outro a partir de um desvelamento do mais íntimo de si.

## BIBLIOGRAFIA

- FIORINI, Héctor J. *Teoria e técnica de psicoterapias*. Tradução de Carlos Sussekind. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1982.
- FREUD, Sigmund. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FORBES, Jorge.(org). *Psicanálise ou psicoterapia*. Campinas SP: Papyrus, 1997.
- LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro; Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. (1958) A direção da cura e os princípios de seu poder. In *Escritos*; Tradução de Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.591-652.
- \_\_\_\_\_. Preposição 9 de outubro de 1967. In *Opção Lacaniana – Revista Brasileira de Psicanálise*. n.17, p. 5-12.
- LEMGRUBER, Vera. *Psicoterapia breve integrada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

## 2. A SINGULARIDADE DA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Daniela Ribeiro Sobral  
danielasobral@infonet.com.br

Na clínica psicanalítica existe uma condição básica: o tratamento de um sujeito. Sujeito, de acordo com o dicionário de psicanálise é “ser humano, submetido às leis da linguagem que o constituem, e que se manifesta de forma privilegiada nas formações do inconsciente”. O termo sujeito foi desvelado na teoria freudiana como distinto do EU e nomeado assim por Lacan. O Sujeito da psicanálise é o sujeito do desejo que Sigmund Freud revelou com o conceito de inconsciente. O sujeito do desejo é efeito de imersão do homem na linguagem. É preciso distingui-lo tanto do indivíduo biológico, quanto do indivíduo da “compreensão” da psicologia.

Dizemos, na psicanálise, sujeito e não EU, como nas outras teorias psicológicas, porque EU tem uma dimensão imaginária, sensação de corpo, imagem no espelho. O sujeito da psicanálise não sabe o que diz, tem que descobrir na análise, a que Outro ele está alienado. Um mundo de símbolos se dirige desde sempre a esse sujeito, ainda que o EU não saiba, desde antes de sua aparição no mundo.

Podemos pensar, com Lacan, que a dependência absoluta do bebê humano em relação ao Outro, produz demanda. A partir desta demanda, que não é apenas demanda do objeto da necessidade (fome), mas primordialmente demanda de amor (seio) é que nos constituímos. Esta demanda de amor ao se repetir, abre uma questão: a do desejo do Outro. É o que permite que o sujeito que vem para análise, pergunte: “O que o Outro quer de mim?”

A demanda é efeito de linguagem, por isso é descontínua e leva o sujeito do desejo a organizar-se frente ao recalque, efeito da castração simbólica.

O trabalho de uma Psicanálise, segundo Freud, é abrir a porta para o sujeito evanescente chamado a comparecer em seus tropeços numa análise. Através da associação livre emerge a realidade do desejo inconsciente. O tratamento psicanalítico visa a questão do sujeito, de maneira a fazer surgir um produto, uma obra. Essa obra é a análise do sintoma, resposta ao que o sujeito deseja inconscientemente. O analista atribui valor às respostas construídas, mas um valor que não tem nada a ver com a moral, dando-lhe a dignidade de um percurso que pretende responder aos conflitos de existência do analisante.

O psicanalista não lê pura e simplesmente a metáfora que o sintoma quer dizer, mas a ética da psicanálise exige que se saiba ensinar ao analisante a ler os efeitos do desejo inconsciente. Para além da suposição de saber, o psicanalista deduz do ponto de vista freudiano; deduzir não é traduzir conteúdos do inconsciente, mas trazer à luz os motivos inconscientes que regem os atos e pensamentos obscuros para o sujeito esvaziar, acabar o seu sofrimento.

A clínica psicanalítica é inaugurada quando Freud, ao falar de inconsciente como conceito primordial, singular e específico da psicanálise, instaura uma concepção inédita de nos reportarmos ao indivíduo: sujeito do inconsciente. A clínica passa a ter então uma

direção ética onde o sujeito é convocado transferencialmente a ocupar uma posição diante do seu desejo.

Diferentemente da ética filosófica marcada por um sistema de doutrinas morais ou da lei que ordena as normas sociais, a ética da psicanálise vai além, pois conduz o sujeito ao discurso do analista. A ética, afirma Lacan, é a bússola eficaz do analista e sem esse norteamento não seriam possíveis a transferência nem a interpretação, como diz ABREU: “O analista deverá desprender-se de toda moral, de seus temores e seus preconceitos decantados em sua própria análise, para levar um tratamento o mais longe possível”.

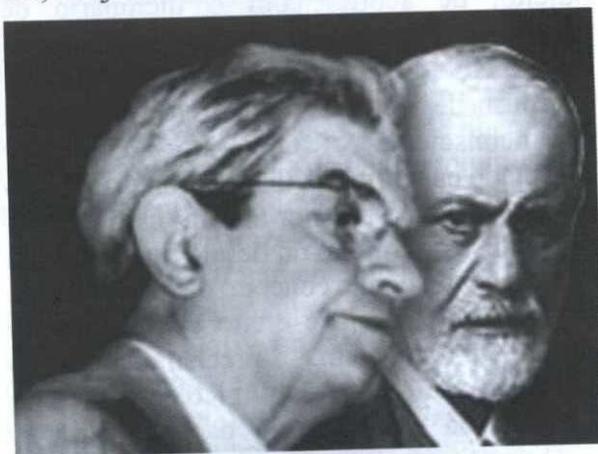
A Psicanálise subverte a posição do sujeito quando lhe aponta a responsabilidade de sua vida, do que lhe acontece, de suas escolhas. Freud dizia no *Mal-estar na Civilização* que a questão fatídica para a espécie humana era de saber até que ponto seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida em comunidade, causada pela pulsão de agressão e de autodestruição.

Em nossa época, quando o sofrimento toma forma de uma necessidade de terapia, ela vem buscar respostas que ainda não sabemos, mas que, junto ao paciente poderemos escutar. E se lhe recusamos respostas, é por questões da ética. Entretanto, cabe aqui começarmos a

pensar na ética da psicanálise em contraponto com outras terapias, com o objetivo de entendermos o acolhimento da “demanda de amor” e desamparo do sujeito que sofre. Na psicoterapia as respostas advêm do bom-senso da escuta.

Responder do lugar de analista implica agir recusando ter as respostas. Não se trata aqui de uma decisão técnica na direção do tratamento, mas visa promover uma clínica em que a verdade do sujeito possa emergir com tempo e muito investimento. Desta maneira, o analista opera uma virada fundamental nas posições do saber dentro do dispositivo: quem sabe é efetivamente o paciente!

A partir do saber que é suposto ao analista e que funda a transferência, para sustentar seu ato, o sujeito elabora seu próprio saber.



#### BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alba. Anotações de aula. Seminário Projeto Freudiano.

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FORBES, Jorge (org.) *Psicanálise ou psicoterapias*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

FREUD, Sigmund. (1930). *O Mal-estar na Civilização*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XXI, 1974.

ROUDINESCO, Elisabeth e outros. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

### 3. O SUJEITO NO PASSE: DO PRIVADO AO PÚBLICO

Márcia Polido  
marpolido@uol.com.br

Situando o conceito de inconsciente na ordem privada e o dispositivo do passe na ordem do público, formulamos, inicialmente, a seguinte pergunta: Como algo que é da ordem do privado pode tornar-se público?

Para responder, começaremos com as palavras de Freud<sup>1</sup>:

“Todo aquele que espera aprender o nobre jogo de xadrez nos livros, cedo descobrirá que somente as aberturas e os finais de jogos

aditem uma apresentação sistemática exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição desse tipo”.

É assim que Freud abre, em 1913, o texto *Sobre o Início do Tratamento*, para dizer que em psicanálise, tal como no xadrez, “a extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas”<sup>2</sup> não nos permite a aplicabilidade ou a transmissão de uma psicanálise a outra. Por isso dizemos: cada caso é um caso, ou seja, cada caso é um exemplo e não um modelo, pois cada sujeito constrói uma linguagem particular diante da impossibilidade de dizer algo sobre o objeto de seu desejo.

Freud<sup>3</sup>, em 1900, quando discorre sobre os sonhos, faz um alerta: do sonho o que nos interessa é o relato, feito pelo paciente, justamente onde se impõe o não-sentido, agente provocante da associação de significantes, que interroga o sujeito em seu não-saber. O que se diz, embora possa ter efeito de não-sentido, encaixa-se dentro de certas regras. É por isso que Lacan afirma que o inconsciente se estrutura como uma linguagem<sup>4</sup> e diz que Freud revela que “ao nível do inconsciente, há algo homólogo em todos os pontos ao que se passa ao nível do sujeito – isso fala e funciona de modo tão elaborado quanto o do nível consciente...”<sup>5</sup> Quer dizer, do recalcado podemos conhecer tão somente o que se mostra no tropeço do discurso em presença do analista.

Introduzimos, neste ponto, a proposição 248, de Wittgenstein<sup>6</sup>, incluída em *Investigações filosóficas*. “A frase: ‘sensações são privadas’ é comparável a: paciência não se joga sozinho.”

Segundo Wittgenstein, acerca das sensações só podemos dizer o que nos permitem os conceitos que, por sua vez, são determinados pelas regras gramaticais do uso da linguagem. Quanto ao jogo de paciência, este obedece às regras que lhe são constituintes.

Assim, a partir dessa proposição podemos

dizer que, se no jogo há regras a seguir, os vários modos de uso da linguagem também obedecem a regras que produzem a significação das palavras utilizadas.

Tanto no jogo de paciência como nos jogos de linguagem as regras são exteriores ao sujeito. Isso é o que garante que haja um acordo no discurso, através do qual é possível partilhar de grupos, emitir opiniões, falar de modo compreensível a outro, etc.

Ainda, acerca dessa proposição – “...sensações privadas é comparável a: paciência se joga sozinho” – interessa assinalar o seguinte: tudo o que se pode dizer é possibilitado pela linguagem ou pelas regras do uso da linguagem, como diz Wittgenstein, e ao que elas não conferem viabilidade, deve permanecer calado; o uso correto dos conceitos ou a obediência às regras gramaticais permite dizer da experiência aquilo que se quiser, independentemente das rubricas verdadeiro e falso.

Lembrando Freud, se há um umbigo no sonho, que, segundo Lacan, serve para “designar, em último termo, o centro incógnito...”<sup>7</sup>, é porque há uma impossibilidade que é intrínseca à própria estrutura da linguagem e, portanto, ao recalcado. É um ponto de basta que faz a separação entre o que pode ser dito e o que deve ser calado, ou seja, o objeto causa de desejo não encontra guarida no discurso, a não ser pelos representantes de sua representação.

A fantasia, construída pelo sujeito e localizada no lugar do silêncio, faz-se de suporte ao desejo e traz a questão da realidade psíquica que não nos permite o julgamento segundo os critérios de verdadeiro e falso, pois, nela, a relação com o vivido não faz conta.

Por que dizemos, então, que a análise pessoal é uma experiência da ordem do privado? Apenas porque, em tese, dela só pode falar o analisando. O analista pode e deve fazer relato de suas experiências desde que proteja a identidade do analisando, que é uma maneira de manter a experiência na ordem do privado.

Mas aqui o que se coloca é a ética do analista e não algo que faça referência a um discurso privado ou público.

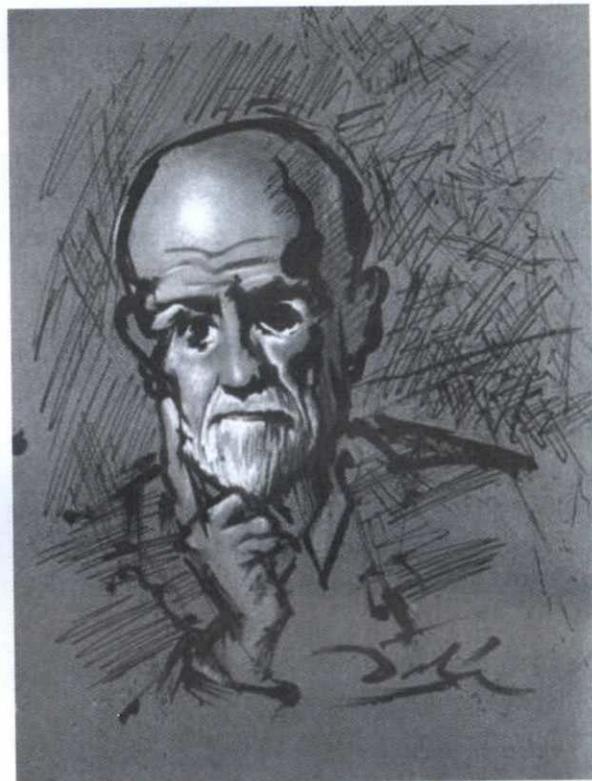
A experiência analítica, desde que resguardada pela ética, até pode permanecer na ordem do privado - talvez sigiloso fosse um termo mais adequado, porque a ética inclui o desejo. Mas não o discurso que a permeia, pois o discurso resultante na análise tem a participação do analista e do analisando, ou seja, é um discurso compartilhado.

Pensamos que da ordem estrita do privado é apenas o objeto causa de desejo, o objeto a, que não se esgota e não se restringe ao analista, mas move os sujeitos na direção que melhor condensar sua satisfação de gozo. Esse objeto, do qual só podemos ter acesso pelos representantes na linguagem, permanece inesgotável nos seus desdobramentos e sobre ele recai o silêncio. Torná-lo menos opaco e cristalizado em suas formas de gozo é o que deve acontecer no percurso analítico e verificado depois pelo passe.

Quanto ao dispositivo do passe, que localizamos como da ordem do discurso público, fazemos brevemente os seguintes comentários. Primeiro, Lacan propôs o passe, quando a escolha de qualificação do analista está em pauta, como sendo o dispositivo pelo qual se pode testemunhar a ocorrência da experiência analítica que é referida à ordem significativa. Segundo, com o passe, o sujeito efetua uma passagem dos seus ditos no interior da experiência analítica para um saber dizer aos passadores dessa experiência do sujeito. Isto não significa passar do privado ao público, porém uma articulação entre a experiência e a

teoria analítica, resgotada e apresentada pelos passadores ao Cartel do Passe.

Concluindo, a experiência do passe é o lugar da transmissão da psicanálise e, segundo Lacan, teria como centro responder à questão O que é um analista que, no desdobramento da experiência particular, seria responder pelo ato analítico. Nesse sentido, talvez, o passe tenha valor apenas como experiência de acréscimo de mais um detalhe na resposta à pergunta O que é um analista? do que como lugar de reconhecimento ou de nomeação.



Freud por Dali

#### NOTAS

<sup>1</sup>FREUD, S. (1913) Sobre o início do tratamento. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 139.

<sup>2</sup>idem.

<sup>3</sup>\_\_\_\_\_. (1900) A Interpretação dos sonhos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. IV e V. Rio de

Janeiro: Imago, 1996.

<sup>4</sup>LACAN, J. (1964) *O Seminário, Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 25.

<sup>5</sup>ibid, p. 29.

<sup>6</sup>WITTGENSTEIN, L. (1921) *Investigações Filosóficas. Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultura, 1979.

<sup>7</sup>LACAN, J. ibid, p. 28.

## 1. LITERATURA

### O MAL NA LITERATURA DE IMRE KÉRTÉSZ<sup>1</sup>

Andréa Brunetto  
brunetto@terra.com.br

A dor se renova, o lamento repete  
O errante curso labiríntico da vida.  
**Fausto, Goethe**

A expressão “banalidade do mal” é da filósofa/escritora alemã Hannah Arendt<sup>2</sup>. Consiste na ausência de arrependimento no mal perpetrado ao outro. Em seu livro sobre o julgamento de Adolf Eichmann, um dos arquitetos da “solução final” que resultou na morte de quase seis milhões de judeus, a autora percebeu diante do horror dos testemunhos e provas do extermínio, a pequenez e mediocridade de Eichmann. Longe de ser uma vítima, Eichmann escondeu-se atrás da explicação de que era um funcionário exemplar e obediente, cumprindo ordens superiores.

Diante de um crime sem precedentes, que foi o genocídio dos judeus, era assombroso que um homem como ele não tivesse nada a dizer no momento de sua morte – já tinha sido sentenciado à morte – nenhuma culpa, nenhuma noção de responsabilidade.

Somos, cada vez mais, assolados por exemplos do mal banal. Um funcionário público passa a aceitar enormes quantias de dinheiro de corrupção. E vive sua ostentação aparentemente sem culpa; alguém atropela um jovem, mata-o, e cinco dias depois já está dando uma entrevista na televisão sobre uma greve por aumento de salários; dois adolescentes matam um terceiro para roubar seu tênis.

Segundo Besançon, uma parte dos crimes horríveis da segunda guerra foi cometido por homens medíocres, “mediocrementemente inteligentes e morais”. A explicação não pode se restringir à personalidade de quem o cometeu e sim ao “sistema”. Por isso, em casos

como de Stalin e Hitler<sup>3</sup>, com personalidades criminosamente doentes, a justificativa da personalidade parece um pouco mais coerente. Mas, e nos casos como Eichmann?

### 1. IMRE KERTÉSZ E O CAMPO DE AUSCHWITZ<sup>4</sup>

Na proposição de 9 de outubro de 1967, Lacan sustenta que a exclusão tem uma coordenada real que foram os campos de concentração. O nazismo foi um precursor da exclusão que a universalização do sujeito, que procede da ciência, também faz.

É por isso que vou comentar um autor e sua experiência no campo de concentração, para pensar na responsabilidade do sujeito.

Kértész, ganhador do prêmio Nobel da literatura de 2002, era um garoto de quatorze anos, quando a caminho do trabalho – já instituído pelos nazistas – é preso, juntamente com outros, simplesmente por ser judeu. Fica, com outros garotos, detido em um quartel improvisado da SS. A violência é tamanha que ele olha para as metralhadoras e pensa que seus suportes parecem os pés de uma cegonha, “com um ridículo apetrecho em forma de funil, preso à boca do cano, parecia o moedor de papoula de minha avó”. Sempre tentando dar sentido à irrupção desse real, relaciona a metralhadora com coisas amenas e conhecidas, como um objeto da casa da avó.

É enviado a Auschwitz, e depois, com o joelho machucado, é reenviado a Buchewald, e ao terceiro campo, o de Zeitz, onde é resgatado pelos aliados.

Quando volta junto com tantos húngaros a Budapeste, vê que a população da cidade não quer olhar para ele. Entra na cidade, magro, raquítico, morto de fome, maltrapilho e as

peças desviam o olhar dele. No bonde, que o leva a sua rua, encontra um jornalista que lhe pergunta se está voltando de um campo de concentração. Lembra que o jornalista diz que tudo que lhe aconteceu precisa ser falado, contado a todos. Afasta-se. Quando toca a campainha de sua casa, estranhos o atendem, ali não é mais sua casa. Os vizinhos que o conheciam chamam-no, contam que seu pai morreu, sua madrasta vive com outro, que tudo que aconteceu foi uma fatalidade, o destino, que deve esquecer tudo, “pois com um peso assim não se pode começar uma nova vida”. Ele concorda.

Mas não concorda com a explicação sobre o destino: se tudo foi o destino qual a liberdade do homem? Não era o seu destino, mas o viveu. É por isso que o primeiro volume de sua história intitula-se Sem destino. No livro *A língua exilada*, recentemente lançado no Brasil, conta que Auschwitz destruiu sua noção

de pátria, nação, povo, que sente que é de lugar nenhum. “Ante uma aparição como Auschwitz, a lógica, indiscutivelmente, não nos leva longe: parece que a razão declara falência”.

O autor faz uma listagem dos escritores que viveram a realidade de Auschwitz e que se mataram; por enquanto ele está se agüentando sem fazê-lo.

Assim, a responsabilidade que Kertész se coloca diante do horror da segregação perpetrada pelos seus próximos – vizinhos, europeus como ele – é falar, tirando a palavra verdadeira de seu exílio no qual ela ficou durante o período da Segunda Guerra. É por isso que seu livro, compilação de conferências dadas em toda a Europa, falando sobre Auschwitz, chama-se *A língua exilada*.

Na Psicanálise, há um resgate das palavras exiladas na representação simbólica do sujeito, como meio de lidar com o encontro real.

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Trabalho apresentado na I Jornada Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no dia 11 de maio de 2005 em Campo Grande.
- <sup>2</sup> Arendt assistia ao julgamento como correspondente da revista *The New Yorker*.
- <sup>3</sup> Ele coloca o comunismo e o nazismo no mesmo

patamar de tirania, embora as atrocidades do comunismo ainda são uma história a ser contada.

- <sup>4</sup> Poderia pegar vários exemplos, inclusive o psicanalista Bruno Betenheim que viveu encarcerado em Dachau em 1938-39, mas vou falar deste porque é com sua leitura que me ocupo no momento. Ele conta sua história em *A Viena de Freud* e outros ensaios.

#### BIBLIOGRAFIA

- ARENDR, H. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BESANÇON, A. *A infelicidade no século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

- LACAN, J. Proposição de 9 de outubro para o psicanalista da Escola. *Opção Lacaniana*. São Paulo, agosto, 1996.
- KERTÉSZ, I. *O fiasco*.
- \_\_\_\_\_. *A língua exilada*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Sem destino*. São Paulo: Editora Planeta, 2003.

## 2. MEDICINA

### SINTOMA: ENTRE O FÍSICO E O PSÍQUICO

Rubens Carvalho  
rubaonatal@hotmail.com

Encontramos, na medicina, a definição de sintoma como sendo qualquer fenômeno de caráter subjetivo provocado no organismo

por uma doença e que, descrito pelo paciente, auxilia em grau maior ou menor, a estabelecer um diagnóstico. Rastro, marca,

traço, vestígio, aquilo que serve de advertência ou que possibilita conhecer, reconhecer ou prever algo, demonstração exterior de um pensamento ou intenção, em termos médicos, é sinal objetivo e, em termos gerais, algo que se sente.

Na prática médica o sintoma é confrontado com os dados objetivos como os sinais e os exames complementares para que se possa chegar a uma conclusão diagnóstica do problema e assim estabelecer seu tratamento.

Os sintomas ditos psíquicos estão mais relacionados com sensações e menos com alterações físicas. É óbvio que alguns dos transtornos psíquicos estão relacionados com alterações de cunho físico como, por exemplo, um tumor cerebral causando uma alteração de comportamento. Mas, atermos-nos aqui, àqueles que não têm nenhum sinal físico, que não são poucos, para não mencionarmos os transtornos mistos que produzem alteração física e estão diretamente ligados a fatores psicológicos.

Na tentativa de objetivar os sintomas, o médico - físico utiliza a entrevista para classificar o que o paciente sente e o enquadra em algum padrão pré-estabelecido. Portanto, é preciso que se informe sobre as características do sintoma (localização, tipo, horário, intensidade, irradiações, fatores agravantes e atenuantes e correlação com manifestações). Porém, estes dados, muitas vezes, são insuficientes para diferenciar, nos sintomas, a causa física da psíquica. Neste caso, vemos que um sofrimento psíquico pode se refletir no físico, assim como o contrário também acontece. Qual paciente após diagnosticado um câncer, não fica melancólico, pelo menos por um tempo,

mesmo sendo este passível de cura?

Quando a queixa trazida esbarra no subjetivo e não ficam evidentes os dados objetivos, geralmente, os profissionais de saúde têm dificuldades na sua interpretação. Essa dificuldade decorre do despreparo dos profissionais em lidar com a saúde da população, pois o tecnicismo falha ao se deparar com uma realidade diversa daquilo que foi aprendido.

O problema da formação médica decorre da separação feita, academicamente, entre os problemas físicos dos psicológicos, visando "facilitar" o estudo das doenças. No entanto, a clínica é diferente do que se aprende nas universidades ou nos cursos técnicos. Nela, o aspecto físico e psicológico se encontram indissociáveis causando uma confusão naqueles que foram formados para tratar da saúde da população.

Segundo Freud, os sintomas psíquicos são indesejados e causadores de desprazer ou sofrimento, sendo seu principal dano o dispêndio de energia para se lutar contra eles. Estes sintomas, às vezes, não apresentam causa física (ou é indefinida na visão médica). Numa avaliação mais minuciosa observaremos que a diferença está em sua origem, pois são resultado de um esforço mental inconsciente para esconder desejos. Os sintomas psíquicos revelam-se comprovadamente resistentes ao tratamento.

Para o médico, compreender que não existe uma distinção físico/psíquico ajudaria na avaliação, diagnóstico e tratamento da saúde da população.

\*Médico PSF/Prefeitura de Aracaju -  
Associado do Projeto Freudiano

### QUEM TRATA DO PROFISSIONAL DA SAÚDE?

Tereza Cristina Rollemberg  
terezarollemberg@ig.com.br

Em instituições da área de saúde, fala-se muito em equipe multidisciplinar. Teoricamente a idéia é ótima com objetivos precisos, suscitando-nos que, à medida que a equipe trabalha, o paciente se beneficia cada vez mais. Isto é, se a equipe funciona bem, o paciente “funcionará” bem. Na prática, podemos verificar alguns embaraços contrários à boa idéia de um funcionamento interdisciplinar. Por exemplo, a dificuldade da equipe em lidar com as divergências entre colegas, criando, assim, certos impasses que, se não resolvidos, prejudicam o atendimento aos pacientes. Outra situação bem freqüente é aquela em que o profissional tem que encarar a morte de um paciente e muitas vezes fica angustiado, porque se sente afetado diante desse fato. É certo que não é somente os pacientes que sofrem, mas também os profissionais podem ter sofrimentos. É possível que o profissional possa se envolver com a dor do paciente e do colega da equipe, interferindo no bom andamento do trabalho interdisciplinar.

Podemos nos perguntar: Como as instituições que trabalham com equipe multidisciplinar podem fazer para amenizar certos embaraços na prática dos trabalhadores da saúde? Será que isso é possível?

A Psicanálise pode ser um dos recursos servindo como um valioso instrumento técnico para pensarmos numa melhor qualidade de trabalho numa instituição de saúde.

Por isso, resolvemos fazer algumas considerações.

Freud, desde 1912, já se preocupava com a saúde dos médicos que exerciam a psicanálise no intuito de que não transmitissem suas doenças aos pacientes. A partir dessa preocupação, escreveu o texto

“Recomendações aos Médicos que exercem a Psicanálise” (1912), onde destaca: a atenção flutuante do analista; a escuta sobre o que o paciente lhe fala; a memorização e anotação do caso após e não durante o atendimento; a preferência em apresentar um trabalho científico de um caso que não esteja em tratamento, pois, ao contrário, pensava que isto poderia interferir no bom andamento do caso; que o analista, para não projetar seus problemas pessoais no paciente, deve passar por uma purificação psicanalítica, ou seja, que deve submeter-se a uma análise; que o médico deve controlar a tentação de fazer qualquer atividade educativa, simplesmente ele deve seguir pela capacidade do paciente, ao invés de impor seus próprios desejos, e para que uma neurose seja solucionada, o paciente precisa obedecer à regra fundamental da psicanálise que é a Associação Livre.

Por conta disso, pensamos ser possível fazer algumas considerações e correlações sobre o que diz Freud e a realidade do trabalho institucional na área de saúde. Assim:

1. Tomando por base o que Freud fala sobre a escuta, perguntamos: como é possível memorizar os dados clínicos com o número freqüentemente exarcebado de atendimentos nas instituições de saúde? Como é que fica a escuta da história da vida do paciente, tão importante para que se faça seu diagnóstico e que se trace seu perfil terapêutico? Isso não poderá prejudicar um bom andamento em um trabalho de equipe de saúde?
2. Em determinados serviços públicos de saúde, existe o atendimento do médico de família, o PSF - Programa de Saúde da Família. No nosso entender, é uma tentativa de resgatar a época em que os

médicos faziam seus atendimentos nas casas dos pacientes, privilegiando a escuta das queixas e dos sintomas. O exame clínico de anamnese substituíu os exames de alta tecnologia que temos hoje. Muitos males da alma e do corpo se curavam apenas com a escuta e uma boa recomendação. Hoje, porém, a quantidade supera a qualidade de atendimentos, causando, muitas vezes, péssimas condições de trabalho para o profissional e prejuízo para o paciente.

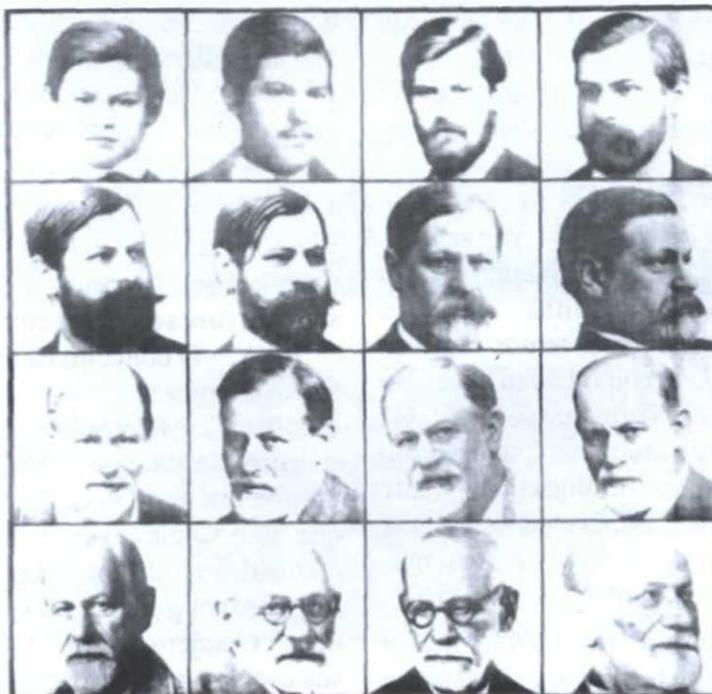
- Quando Freud fala da análise do analista para não haver projeção dos seus problemas pessoais para com o paciente, podemos pensar também que o médico ou qualquer outro profissional de saúde está sujeito naturalmente a transmitir suas doenças de ordem física ou mental aos seus pacientes. Do ponto de vista psíquico é aconselhável que o profissional cuide dos seus problemas pessoais para que não sofra sua dor junto com o paciente e para que possa estar mais disponível a acolher o tratamento deste outro, podendo facilitar assim o trabalho da equipe.
- A Psicanálise nos ensina que a transferência é a mola mestra do tratamento, ela é o veículo que leva o paciente ao profissional da saúde. Em muitos casos, devido à boa transferência

do paciente para com o médico, pode-se utilizar baixas doses de medicamentos, sem necessidade de trocas de drogas e internamentos hospitalares. Em outras palavras, uma boa relação médico-paciente favorece muito ao andamento de um trabalho institucional.

Após considerar e relacionar algumas dessas recomendações, pensamos que o Dr. Sigmund Freud realmente fez uma verdadeira aposta: a de acreditar no inconsciente e na singularidade de cada paciente. Será que é possível particularizarmos o paciente em um trabalho institucional e isso servir de ajuda aos diversos profissionais que estão atuando nela?

Sabemos que a psicanálise não é o único recurso terapêutico, mas é aconselhável, é recomendável, como dizia Freud, que para se trabalhar com o sofrimento do outro, é necessário que o profissional também se cuide. Como? Cuidando da sua saúde física, praticando exercícios de sua preferência, fazendo exames clínicos regularmente, privilegiando em alguns momentos uma vida familiar, social e cultural. Cada um deve procurar fazer o melhor possível para que também possa relaxar e amenizar o seu sofrimento. Se cada trabalhador de uma equipe procurar tomar medidas básicas de cuidados para com a sua saúde, isso não melhoraria o seu funcionamento numa instituição?

Tal como Freud, é o que nós apostamos.



Por Tereza Cristina Rollemberg com **Maria Anita Carneiro Ribeiro** – (Psicanalista, membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (AME)).

**P.F. - A respeito do nosso VI Fórum Nacional da AFCL e IV Encontro da EPFCL – Brasil, que acontecerá de 11 a 14 de novembro no Rio de Janeiro, em sua opinião, qual a importância da escolha do tema “As escolhas do sujeito no sexo, na vida e na morte”?**

M. A. – O tema é extremamente relevante e atual, principalmente se considerarmos que a estratégia do discurso do capitalismo e do da ciência a serviço do capital é a de reduzir o sujeito do inconsciente ao indivíduo sem escolhas: o consumidor compulsivo ou o doente afetado de males de origem neuronal (transtornos).

**P.F. - Na clínica podemos verificar três estruturas psíquicas para o sujeito: a neurose obsessiva ou histérica, a psicose e a perversão. Como a Sra. faria uma articulação do modo como o sujeito enfrenta a vida e o sexo de acordo com sua posição na estrutura?**

M. A. – Creio que, rigorosamente, só podemos falar de escolha do sexo quando nos referimos à estrutura neurótica, uma vez que a escolha do sexo só pode ser feita na relação do sujeito ao falo, ou seja, a partir da operação da metáfora paterna. Na perversão, onde o Nome-do-Pai está presente, embora desmentido no gozo perverso, temos motivos para supor, a partir de Freud e Lacan, que esta estrutura é própria ao sexo masculino. Na psicose não falamos de escolhas: Lacan forjou o conceito de empuxo-à-mulher justamente para mostrar como a ausência da referência fálica não dá escolha ao sujeito psicótico, mas o empurra em direção à mulher que não existe.

**P.F. - E o sintoma da fobia, muito frequente na clínica psiquiátrica atual sob o**

**nome de síndrome do pânico?**

M. A. – A fobia é uma escolha pelo pai contra o pior. Na fobia o sujeito busca se proteger do desamparo reforçando o Nome-do-Pai com o objeto fóbico. Eu distinguiria a fobia, que tem a dignidade de um conceito, da síndrome de pânico, invenção da ciência a serviço do capitalismo para criar consumidores drogados. Sob esta sigla se escondem não só sintomas fóbicos como inúmeros sintomas histéricos.

**P.F. - É muito comum assistirmos no nosso dia-a-dia cenas e comportamentos perversos advindos de todas as fontes, gerando mal-estar na sociedade. Qual o papel da Psicanálise diante desses acontecimentos?**

M. A. – A banalização do mal, que ocorre de modo crescente a partir da 2ª guerra mundial, não deve ser confundida com a estrutura perversa, embora tenha conseqüências na constituição do sujeito, uma vez que este se constitui a partir do Outro da linguagem, da cultura. Sem dúvida, a crescente violência e, principalmente, a crueldade cada vez mais difundida, acentua o desamparo do homem contemporâneo. Sobre estes temas a psicanálise tem tudo a dizer, uma vez que, com Freud e Lacan, o psicanalista se orienta pela ética do desejo que vai contra a violência da pulsão de morte pura.

**P.F. - Por que um Encontro Nacional para discutir a escolha do sujeito, se pela psicanálise sabemos que essa escolha é sempre forçada pelas circunstâncias?**

M. A. – O conceito de escolha forçada é um tanto complexo, não se trata apenas das escolhas forçadas pelas circunstâncias. Lacan se apropria da operação lógica da reunião e propõe um novo vel que aponta para o fato de que, se o sujeito só tem uma resposta possível diante da escolha em questão, ele é, entretanto, responsável por esta escolha e deve dar conta dela. O sujeito do inconsciente responde por sua escolha, mesmo que forçada.

# EVENTOS DO CAMPO LACANIANO



## VI FÓRUM NACIONAL DA AFCL: ASSOCIAÇÃO FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO IV ENCONTRO DA EPFCL – BRASIL

Tema: *As escolhas do sujeito no sexo, na vida e na morte*

Convidada: COLETTE SOLER - 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2005

Local: Centro de Convenções do Colégio Brasileiro de Cirurgiões

Rua Visconde Silva, 52 3º andar – Botafogo - RJ – Brasil

Informações: Sede FCCL – Rio tel.: 2286-9225/2537-1786

[www.fcclrio.org.br](http://www.fcclrio.org.br) e-mail: [secretaria@fcclrio.org.br](mailto:secretaria@fcclrio.org.br)



**ECRITS**



**JACQUES LACAN**

**JORNADAS EUROPEAS DE LA EPFCL**

Tema: *El parentesco em cuestión: Filiación, adopción, nominación*

París, 8 y 9 de octubre de 2005

Local: La Maison de LA Chimie, 28, rue Saint-Dominique, 75007 París

**JORNADA INTERNA DO CURSO DE FUNDAMENTOS BÁSICOS  
ARACAJU/SERGIPE**

Data: 03 de dezembro de 2005 às 9 horas

Local: Auditório do Centro Médico Luiz Cunha

Informações: (79) 3246-1905

**JORNADAS DE LA EPFCL-F4**

Data: Madrid, 28 y 29 de enero de 2006

15 anos

NOSSA ESCOLA - ARACAJU

TEL.: 3217-2024 / 3217-6480 / 3255-2067

Unimed

Sergipe

HOTEL  
Pousada do Sol

Rua Atalaia, 43 Praia de Atalaia  
49035-110 - Aracaju - Sergipe  
Fone/Fax: (79) 3226-5500  
www.psol.com.br



GRÁFICA  
EDITORIA  
J. ANDRADE

CLÍNICA GERAL

fit Body

GINÁSTICA COMPLETA SEM ESFORÇO

3214-0527 / 3214-0485

Descubra o melhor de Aracaju

- 12 SUÍTES
- 81 APTOS LUXO
- CELI HEALTH CLUB
- CHECK-IN PERSONALIZADO
- PISCINA COM CASCATA
- ESCRITÓRIOS COM INTERNET
- SALÃO DE JOGOS
- CYBER CAFÉ

Tel: +55 (79) 3232-1010  
Fax: +55 (79) 3232-1515

Celi Praia Hotel



Av. Oceânica, 500 - Nova Orla de Atalaia - Aracaju - SE - Site: www.ffb.com.br

# Projeto Freudiano

## *Curso de Fundamentos Básicos de Psicanálise*

O curso de Fundamentos é destinado aos que se interessem pelo saber psicanalítico como instrumento terapêutico ou como objeto de pesquisa.

Serão admitidos, através de entrevista, estudantes e profissionais de áreas afins, que poderão participar dos Seminários oferecidos semestralmente, ou do Curso integral, para tal, necessitando completar a carga horária de 200 horas referente ao conjunto dos quatro Seminários, assim como apresentar trabalho de conclusão que deverá ser orientada por um membro docente do Projeto.

### INÍCIO DE NOVA TURMA EM 2006

32.805.426 / 0001

PROJETO FREUDIANO - PSICANÁLISE E ENSINO  
Av. Anízio Azevedo, 675 - Edf Luiz Cunha  
Cala 507 - B. 13 do Jato - CEP 49020-240  
Aracaju - SE.

# Projeto Freudiano

Avenida Anízio Azevedo, 675 • Centro Médico Luiz Cunha, Sala 507  
Salgado Filho, Cep 49020-240 • Aracaju - Sergipe - Brasil  
Tel. (79) 3246-1905 • E-mail: [projetoofreudiano@infonet.com.br](mailto:projetoofreudiano@infonet.com.br)